

Anna Paula Bahia Pessanha Lima
Rogerio Mendes de Lima

LITERATURA INFANTIL AFRORREFERENCIADA:

olho e me reconheço



LITERATURA INFANTIL AFROREFERENCIADA: OLHO E ME RECONHEÇO

1ª Edição



Rio de Janeiro, 2023

Anna Paula Bahia Pessanha Lima
Rogerio Mendes de Lima

LITERATURA INFANTIL AFROREFERENCIADA: OLHO E ME RECONHEÇO

1ª Edição



Rio de Janeiro, 2023

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

L732 Lima, Anna Paula Bahia Pessanha

Literatura infantil afrorreferenciada : olho e me reconheço / Anna Paula Bahia Pessanha Lima ; Rogerio Mendes de Lima. 1. ed. - Rio de Janeiro: Imperial Editora, 2023.

100 p.

Bibliografia: p. [95]-99.

ISBN: 978-65-5930-179-9

1. Relações étnico-raciais - Estudo e ensino. 2. Literatura Infantil. 3. Identidade racial. 4. Letramento racial crítico. 5. Educação decolonial. 6. Interculturalidade. 7. Pesquisa-ação. I. Lima, Rogerio Mendes de. II. Colégio Pedro II. III Título.

CDD 305.8

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

SUMÁRIO

SOBRE OS AUTORES

ILUSTRAÇÃO DA CAPA

APRESENTAÇÃO

PRIMEIRA PARTE

11 *EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS*

16 *A LITERATURA INFANTIL AFROREFERENCIADA*

SEGUNDA PARTE

26 *O CURSO DE EXTENSÃO*

33 *PROPOSTA DO MATERIAL*

TERCEIRA PARTE

38 *ORIENTAÇÕES DE USO*

43 *1º ANO*

57 *2º E 3º ANOS*

74 *4º E 5º ANOS*

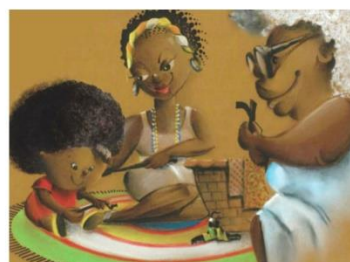
CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



LITERATURA INFANTIL AFROREFERENCIADA:

OLHO E ME RECONHEÇO



AS BONECAS NEGRAS DE LARA

FERREIRA (2017)
1º ano



O PEQUENO PRÍNCIPE PRETO PARA PEQUENOS

FRANÇA (2020)
2º e 3º anos



O MUNDO NO BLACK POWER DE TAYÓ

OLIVEIRA (2013)
4º e 5º anos

SOBRE OS AUTORES

Anna Paula Bahia Pessanha Lima

Professora do Departamento de Anos Iniciais do Colégio Pedro II. Mestre em Educação Básica, na linha de pesquisa de Ensino de Humanidades e Perspectivas Decoloniais, pelo Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica do Colégio Pedro II. Licenciada em Letras (Português, Literaturas e Inglês) pela Unigranrio e Especialista em Língua Portuguesa pela mesma instituição. É membro do Laboratório de Estudos em Educação e Diversidade (LEDi) e participa do Grupo de Estudos e Pesquisas em Ensino, Aprendizagem, Interdisciplinaridade e Inovação em Educação (GEPEAIINEDU), ambos também do Colégio Pedro II.



Rogério Mendes de Lima

Doutor em Ciências Humanas/Sociologia pelo IFCS/UFRJ. Professor Titular do Departamento de Sociologia do Colégio Pedro II e do Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica do Colégio Pedro II. Coordenador do Laboratório de Pesquisa e Extensão em Ensino de Sociologia do Campus Realengo II e participa do Grupo de Estudos e Pesquisas em Ensino, Aprendizagem, Interdisciplinaridade e Inovação em Educação (GEPEAIINEDU).



ILUSTRAÇÃO DA CAPA

Valquíria Cordeiro

Ilustradora e aquarelista mineira radicada no Rio de Janeiro. Desenvolve projetos misturando aquarela e colagem, além dos meios digitais. Atua como professora de Artes Visuais no Colégio Pedro II. É Licenciada e Mestre em Artes Visuais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, e está em processo de doutoramento em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Ilustrou os livros *Camaleão dos Mares*, de Simone Costa, e *Brincar na rua*, de Magna Domingues.



Acesse o portfólio pelo QR-Code ou clique na imagem.



APRESENTAÇÃO



Caro/a educador/a,

Este material foi elaborado em conjunto com a Dissertação de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica intitulada *Literatura infantil e identidade negra nos anos iniciais: o protagonismo negro como ação afirmativa na construção da identidade racial e para uma educação antirracista*, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II.

A pesquisa teve como objetivo analisar a construção de um Produto Educacional com professores que atuam em turmas dos anos iniciais, na rede pública e/ou privada de ensino no estado do Rio de Janeiro, que contribuísse para a construção da identidade racial de crianças negras e fosse capaz de fomentar reflexões acerca da educação para as relações étnico-raciais.

A pesquisa surgiu da necessidade de se pensar ações pedagógicas que propiciem um olhar mais reflexivo sobre representatividade étnico-racial, permitindo que as crianças negras vivenciem um ambiente igualitário, de valorização e empoderamento, no qual sejam rompidos os referenciais eurocêntricos interiorizados com os quais elas se deparam inclusive nos livros de literatura infantil.

Diante disso, foi desenvolvido o curso *Literatura infantil e identidade negra nos anos iniciais: o protagonismo negro como ação afirmativa na construção da identidade racial e para uma educação antirracista*, com o intuito de proporcionar aos docentes uma experiência de reflexão acerca de alguns aspectos relacionados à leitura literária em sala de aula,

especialmente no que diz respeito à importância da utilização de livros com protagonismo e autoria negros e que abordem a temática da cultura afro-brasileira, bem como acerca da Lei nº10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas redes pública e privada da educação.

A proposta do curso dialoga com a necessidade de formação continuada, indo de encontro aos apontamentos feitos por Gomes (2008), e de novas vertentes de leitura literária em sala de aula que caminhem na perspectiva de valorização da identidade racial negra. Assim, a partir das discussões realizadas no curso de extensão e da contribuição dos docentes que dele participaram, foram pensadas propostas de atividades para turmas do 1º ao 5º ano, como forma de materializar as reflexões sobre representatividade negra, empoderamento e racismo. Um agradecimento, portanto, a cada um dos que estiveram nessa jornada ao longo dos encontros.

Espera-se que essas sugestões possam servir de inspiração para que muitas outras sejam criadas e realizadas em diferentes espaços escolares, num estímulo a diversos educadores para que ampliem sua prática, bem como fomentem a reflexão no que tange à relação entre leitura literária, o processo de construção afirmativa da identidade racial da criança negra e a transformação das relações étnico-raciais dentro da escola e para além dela.

Ressalta-se, contudo, que não se objetiva que este material sirva de cartilha ou manual para educadores no desenvolvimento da temática em sala de aula. Mas, sim, que desperte possibilidades para sua realização, ressignificando olhares e identidades raciais a partir de propostas que se adequem conforme a realidade do seu contexto. Para que os títulos selecionados e as atividades sugeridas atinjam os objetivos esperados, a mediação docente é fundamental. Serão seus conhecimentos, experiências e sensibilidade que as tornarão significativas para as crianças.

Este é um convite para que você embarque nesse trabalho com o protagonismo negro como ação afirmativa na construção da identidade racial e para uma educação antirracista, desfrutando dos conhecimentos teórico-práticos, bem como ampliando e aplicando as discussões aqui presentes nos mais diversos ambientes de aprendizagem.

[...] Acredito que compartilharmos práticas e experiências pedagógicas é uma maneira de inspirarmos outros profissionais a também se desacomodarem e abraçarem a educação como prática da liberdade” (RAMOS, 2020, p. 51)

Boa leitura e mãos na massa!

PRIMEIRA PARTE

EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS



Ao lançarmos um olhar crítico sobre a história da colonização, será possível compreender a construção do eurocentrismo, perceber o quanto as culturas africanas e indígenas foram marginalizadas e excluídas pela modernidade capitalista, verificar que as consequências do colonialismo ainda vigoram em nossa sociedade, bem como sua estreita relação com o racismo. Isso vai de encontro com a perspectiva de Maldonado-Torres ao salientar que respiramos a colonialidade na modernidade cotidianamente (2019).

O racismo entre nós não pode ser encarado como um fato eventual ou um comportamento isolado, mas como um problema complexo que faz parte da estrutura social e envolve todas as dimensões da vida individual e coletiva, conforme discute Almeida (2019), colocando negros na posição de cidadãos de segunda categoria no país.

Apesar de o Brasil possuir a segunda maior nação negra do mundo, estudos sobre a desigualdade e a discriminação racial têm se multiplicado nos últimos anos e evidenciam o que o Movimento Negro¹ apontava desde o século XIX: o racismo estrutural incorporado ao longo de nossa formação histórica, política e social, cujas práticas racistas são recorrentes ainda no século XXI e expressam de múltiplas formas na sociedade, inclusive no ambiente escolar.

¹ O que denominamos Movimento Negro é, na verdade, um conjunto de movimentos sociais, políticos, culturais e artísticos, nas mais diversas formas de organização e articulação das negras e dos negros politicamente posicionados, com o objetivo explícito de luta contra o racismo, de busca pela igualdade racial, de direitos entre negros e brancos, e de valorização da história e da cultura negras no Brasil. Em 1978 esses movimentos se uniram com vistas ao fortalecimento da luta e formaram então o Movimento Negro Unificado – MNU. (GOMES, 2019)

A partir dos anos 2000, um conjunto de documentos legais foram elaborados com vistas a promover uma política educacional voltada para a afirmação da diversidade cultural e para a educação das relações étnico-raciais. São documentos que resultaram de um processo de militância do Movimento Negro com demais grupos e organizações partícipes da luta antirracista na sociedade brasileira e acarretaram mudanças de perspectiva sobre as formas de condução da luta contra o racismo.

As ações militantes permitiram a conquista de um novo lugar político e social para o movimento antirracista, especialmente no campo educacional, espaço privilegiado na luta para atingir esse objetivo. No Brasil, a Lei nº 10.639/2003² traz para o âmbito das escolas públicas e privadas a obrigatoriedade de discussão acerca da história e da cultura dos povos africanos e afro-brasileiros, no sentido de dar visibilidade e empoderar as culturas marginalizadas e excluídas pela modernidade capitalista.

Junto a ela, o Parecer CNE/CP 03/2004, que institui Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-brasileiras e Africanas, e a resolução CNE/CP 01/2004 orientam ampla e claramente as instituições educacionais quanto a suas atribuições no que tange à luta por ações afirmativas para a população negra, com vistas à construção de uma educação intercultural que contribua para a consolidação de uma perspectiva democrática na educação brasileira.

Conforme aponta Gomes (2010), esse conjunto de dispositivos legais e as ações político-pedagógicas que discutem as questões raciais e o racismo nos currículos escolares têm possibilitado mudanças culturais e epistemológicas na educação escolar brasileira no que se refere, por exemplo, à problematização do eurocentrismo historicamente presente nos currículos, à formação de professores para a diversidade étnico-racial, novas perspectivas na pesquisa sobre relações raciais, visibilidade à produção de intelectuais negros, entre outros. Todavia, a implementação e cumprimento da legislação continuam aquém do esperado devido a dificuldades diversas.

Algumas dessas dificuldades puderam ser evidenciadas num dado momento do curso de extensão, quando os docentes participantes apontaram sobre o que, com base em suas

² O artigo 26-A foi posteriormente alterado pela Lei nº 11.645/08 de 10 de março de 2008, que inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira e Indígena”. A partir de então, tornou-se obrigatório não somente o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, mas também das populações indígenas brasileiras. Sob o ponto de vista do conteúdo, mantém as prerrogativas da Lei nº 10.639/2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm.

vivências no cotidiano escolar, consideram como maiores desafios enfrentados na implementação da Lei nº10.639/2003. Foi possível identificar nas respostas que alguns deles se repetem, mas que todos se interligam de modo bastante complexo, considerando que passa pela formação inicial eurocentrada dos docentes, pelo currículo engessado, pela demanda de trabalho, pela necessidade de formação continuada, pelo preconceito não apenas da sociedade como também de alguns profissionais da educação.

As respostas podem ser verificadas ao clicar na imagem que segue ou acessadas pelo QR-Code.



Fonte: a autora, 2021

Ao longo dos encontros foi possível perceber que, se por um lado, a temática da Lei nº10.639/2003 não fez parte da formação inicial dos docentes, por outro, tem havido um engajamento na busca e na ampliação de conhecimento para a promoção em sala de aula movimentos de reconhecimento, valorização e representatividade negra, na perspectiva de uma educação antirracista. Contudo, ainda há aqueles que possuem certa insegurança ao realizar a abordagem sobre a temática das relações étnico-raciais em sala de aula, se sentem pouco preparados para incorporá-los em sua prática pedagógica e, por isso, buscam na troca com os pares, ampliar seus saberes e fazeres.

A educação é um processo amplo e complexo de construção de saberes culturais e sociais que constituem o ser humano, sendo necessário (re)pensar constantemente as relações étnico-raciais e sociais, bem como as práticas pedagógicas e os currículos que, conforme

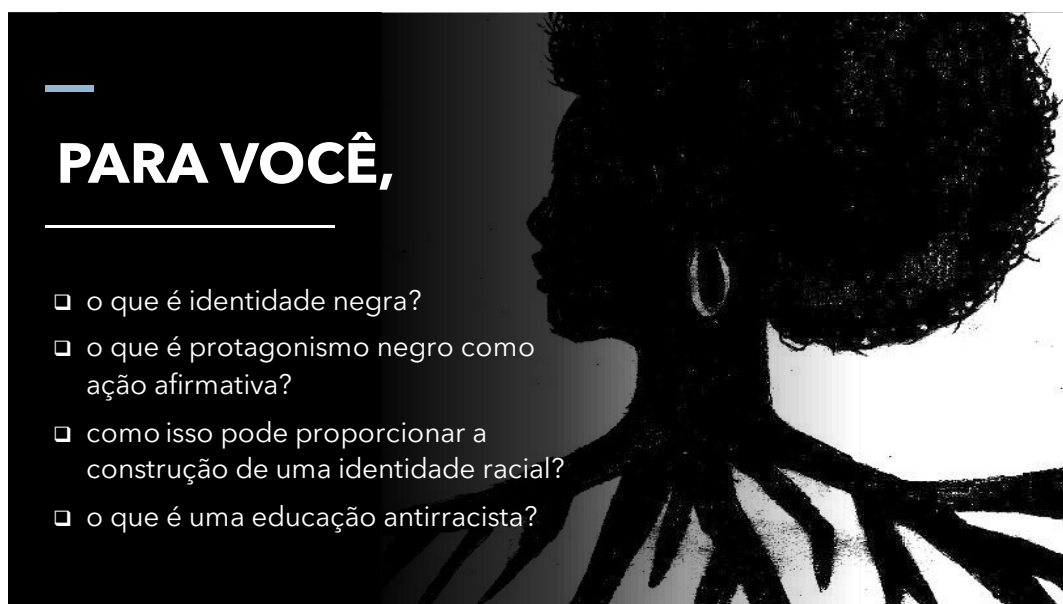
salienta Gomes (2012, p. 99), “cada vez mais são inquiridos a mudar”, compreendendo negras e negros como sujeitos, como produtores de cultura e de conhecimentos.

A educação para as relações étnico-raciais, portanto, se faz necessária para ressignificar e valorizar a cultura das matrizes africanas que formam a diversidade cultural brasileira, com vistas a uma educação antirracista. Araújo e Amaral (2019, p. 6), afirmam que “a inclusão do estudo da História e cultura afro-brasileira tem importância significativa na desconstrução do preconceito étnico e racial”.

Por muito tempo as discussões em torno das questões raciais foram ignoradas e silenciadas. Hoje, pouco a pouco, têm ganhado cada vez mais força, maior adesão e visibilidade. Nas palavras de Santos (2001, p. 97), “não houve nas últimas décadas período tão fecundo como o atual para discutir temas relativos à etnia, diversidade, raça, mutações culturais etc.”.

Cabe destacar que desenvolver ações na perspectiva de uma educação antirracista requer não apenas uma mudança nos currículos, mas nas formas de pensar, nos discursos, nas posturas e nos modos de tratar as pessoas negras. Educar para as relações étnico-raciais é uma questão coletiva, essencial para a formação dos estudantes e que requer a participação ativa da comunidade escolar, a preocupação de preparar indivíduos que assumam uma postura crítica frente a um sistema que gera tantas desigualdades. Requer olhar para suas próprias concepções e práticas.

Para começar, reflita sobre essas questões:



PARA VOCÊ,

- o que é identidade negra?
- o que é protagonismo negro como ação afirmativa?
- como isso pode proporcionar a construção de uma identidade racial?
- o que é uma educação antirracista?

Imagem: Reprodução

Fonte: a autora, 2021

Cavalleiro (2001), ao tecer considerações sobre educação antirracista, aponta a necessidade de realização de ações concretas para que se construa uma sociedade igualitária, sendo o ambiente escolar um espaço privilegiado para a realização de um trabalho de (re)conhecimento da diversidade e respeito às diferenças raciais. Nas palavras da autora,

A educação anti-racista é pensada como um recurso para melhorar a qualidade do ensino e preparar todos os alunos e alunas para a prática da cidadania. (...) Visa a erradicação do preconceito, das discriminações e de tratamentos diferenciados. Nela, estereótipos e ideias preconcebidas, estejam onde estiverem (meios de comunicação, material didático e de apoio, corpo discente, docente etc.), precisam ser duramente criticados e banidos. É um caminho que conduz à valorização da igualdade nas relações. E, para isso, o olhar crítico é a ferramenta mestra. (CAVALLEIRO, 2001, p. 149-150)

Como já mencionado, a efetiva implementação da Lei nº10.639/2003 no espaço escolar implica a promoção de consciência e trabalho coletivos, e o desenvolvimento de propostas que visem combater o racismo certamente nos possibilitará romper com preconceitos. Por isso, neste material são apresentadas sugestões de atividades que caminham nessa perspectiva por meio da literatura infantil.

Cumprir destacar que, para além de estabelecer que os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira devam ser ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, a Lei nº10.639/2003 aponta a literatura, em especial, como uma das áreas para desenvolver a temática em sala de aula. Logo, a literatura infantil pode ser vista como uma forte aliada nesse trabalho devido a sua função social, à possibilidade de ampliar a consciência de mundo ainda na infância.

Por permitir que assuntos diversos sejam abordados de modo mais simples, claro e lúdico, desenvolvendo não apenas o imaginário das crianças, mas também a prática social, a literatura foi o instrumento escolhido para o desenvolvimento da pesquisa, a qual resultou neste material para auxiliar professoras e professores que atuem nos anos iniciais, no que se refere à implementação da Lei nº10.639/2003 e à criação de um novo imaginário e a possibilidades de autorreconhecimento de crianças negras.

De acordo com Debus (2017), a literatura empreendida na valorização e reconhecimento da diversidade humana e pautada no compromisso de construção da identidade das crianças brasileiras é capaz de problematizar reflexões sobre práticas antirracistas para o universo da infância, seja no espaço escolar, seja em outros espaços socioeducativos, empoderando meninas e meninos de todos os tempos e todas as idades.

A LITERATURA INFANTIL AFRORREFERENCIADA

A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura voltada ao público infantil e juvenil, no Brasil, tem sido impulsionada e vem ganhando cada vez mais visibilidade a partir da Lei nº10.639/2003, refletindo um *boom* no mercado editorial.

É possível constatar, nos últimos anos, a multiplicação da publicação de livros voltados para questões étnico-raciais e um número relativamente maior de autores se debruçando sobre o tema. Os avanços significativos na maneira de pensar os personagens e o protagonismo nas histórias infantis colocam hoje o ser negro como protagonista, evidenciando os discursos e manifestações culturais dos grupos sociais e das populações que permaneceram invisibilizados mesmo após o fim da colonização.

Tais literaturas vêm romper com os referenciais hegemônicos. Ressalta-se, no entanto, que é preciso um olhar atento sobre a qualidade dessas produções, porque a simples representação de uma personagem negra nos livros de literatura infantil não garante noções de pertencimento e de afirmação de uma identidade por parte da criança. Dependerá, em grande medida, da seleção crítica dos títulos e do trabalho a ser desenvolvido, principalmente, porque algumas obras, embora apresentem uma proposta positiva, são bastante questionáveis pelo fato de não terem conseguido escapar de uma perspectiva branca.

A exemplo disso temos o livro *Abecê da liberdade: a história de Luís Gama* (TORERO; PIMENTA, 2015), lançado em 2015 pela editora Alfaguara Infantil, e reimpresso em 2021 pela Companhia das Letrinhas, que romantiza a vivência das crianças num navio negreiro e traz a dúbia interpretação de que o transporte teria sido divertido.

HOME > NOTÍCIAS >

33 livros infantis que celebram a equidade e a cultura afro-brasileira

PRÁTICA DE DESENVOLVIMENTO

9 de outubro de 2017

<https://fundacaotidesetubal.org.br/33-livros-infantis-que-celebram-a-equidade-e-a-cultura-afro-brasileira/>

BLOG

10 LIVROS QUE DISCUTEM CRITICAMENTE A LUTA PELA LIBERDADE DO POVO NEGRO

13/05/2019

Por Comunidade Educativa

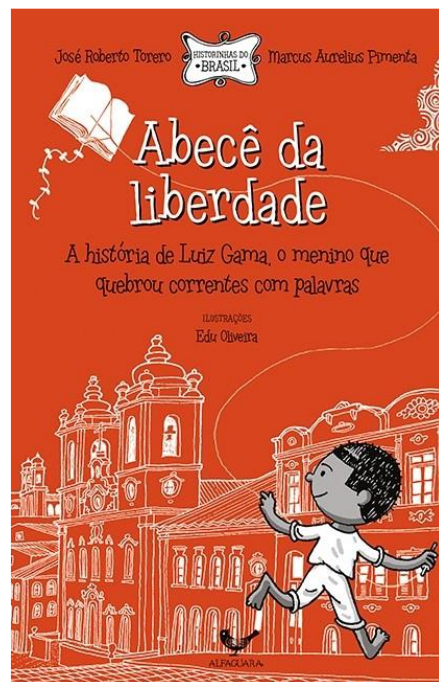
<https://comunidadeeducativa.org.br/10-livros-que-discutem-criticamente-a-luta-pela-liberdade-do-povo-negro/>


Imagem: Reprodução

Fonte: a autora, 2021

Cumpre destacar que, até ser retirado de circulação devido à grande polêmica³ causada na ocasião de sua reimpressão, esse livro era facilmente encontrado no *site* de busca *Google* como sugestão de livro de literatura infantil com protagonismo e valorização do ser negro, e evidencia que é preciso um conhecimento mais aprofundado acerca da temática, ampliação de repertório literário e atenção na escolha dos livros para identificar se eles utilizam uma abordagem de maneira correta ou equivocada, se de fato contribuem para a construção de uma identidade racial ou a negam.

Nesse sentido, deve-se levar em conta na escolha dos títulos a construção literária, a construção da linguagem, as ilustrações e observar se não são reproduzidos estereótipos de uma identidade étnico-racial marcada, historicamente, pela representação de forma depreciada, pela submissão, pela servilidade, pela marginalização e apiedamento, em que o negro não tinha história para contar, não tinha vida própria. Isso porque era uma literatura de autoria branca, escrita por brancos, cuja maioria de suas personagens eram brancas (DEBUS, 2017).

Ao realizar uma análise sobre o mercado editorial, Debus (2017) aponta que ele vem, aos poucos, se adaptando à nova demanda promovida pela Lei nº10.639/2003, mas que a

³ O livro foi reimpresso pela Companhia das Letrinhas e, após grande repercussão negativa e polêmicas considerando o teor da narrativa, foi retirado de circulação.

produção ainda é incipiente considerando que a escrita de escritores afro-brasileiros ficou silenciada durante todo esse tempo e somente agora tem ganhado maior visibilidade. Foi diante desse marco histórico que se abriu caminho para a inserção das literaturas afro-brasileiras e africanas, a fim de educar para as relações étnico-raciais.

Para a autora, esse marco fomentou a publicação e circulação mercadológica no Brasil de livros para infância e para a juventude, que se dividem em três grandes categorias:

Mercado editorial brasileiro

LITERATURA QUE TEMATIZA A CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA

Está circunscrita a uma literatura que traz como temática a cultura africana e afro-brasileira, sem focalizar aquele que escreve (a autoria), mas sim o que tematiza. É a categoria que se sobressai, embora o número da produção literária nas demais tenha crescido nos últimos anos.

LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

É aquela escrita por escritores afro-brasileiros - mesmo com as dificuldades de delimitação, pois se trata um conceito em construção” (DUARTE, 2008).

LITERATURAS AFRICANAS

São aquelas de autoria africana e trazem reflexões que podem resultar em várias subcategorias:

- Literaturas africanas de diferentes línguas (língua portuguesa, língua inglesa, língua francesa, entre outras), a partir da multiplicidade linguística do continente;
- Literaturas africanas de língua portuguesa, cujo recorte de pesquisa e análise pode ser demarcado pelo país (angola, cabo verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe), sem adentrar na especificidade da negritude dessa literatura. Essa categoria sugere outras subcategorias, como literatura vinculada à origem oral (lendas, fábulas, entre outras) e literatura contemporaneísta (narrativas curtas em diálogo com a ilustração).

Fonte: a autora, com base nas informações apresentadas em Debus (2017, p. 26)

Pondera-se aqui que os títulos inseridos na segunda categoria são os que mais frequentemente são alvo de preconceitos pela narrativa que apresentam ou nomes nela inseridos. A exemplo disso, têm-se os casos dos livros *Omo-obá: histórias de princesas*, de Kiusam de Oliveira (2009), que em 2018 virou alvo de discussão por apresentar princesas africanas que expressam arquétipos de orixás ao longo das narrativas que compõem a obra, e o livro *Amoras* (2018), de Emicida, que em 2023 foi vandalizado também devido ao racismo religioso.

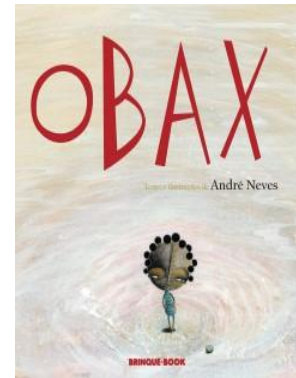
Ao discorrer sobre um projeto voltado especialmente para a literatura afro-brasileira do qual participou, Lima (2018) comenta a constatação de algumas das dinâmicas presentes na recepção em torno desse tipo de material e do preconceito sofrido pelo acervo, em específico. Para a autora,

Esse afastar está diametralmente vinculado aos destratos por correntes evangélicas que se impõem no ambiente educacional. Há realidades na rede em que livros podem ser excomungados, desenhos animados como Kiriku ou cantar parabéns são proibidos. A participação das crianças em atividades com o repertório é, muitas vezes, impedida pelos pais. (...)

Do episódio, posso afirmar que o livro no acervo não significa que o cenário esteja aberto às produções. A “literatura afro” enfrenta dificuldades maiores no empenho geral de formar leitores (LIMA, 2018, p. 50).

Abaixo, são exemplificadas com títulos literários cada uma das categorias apresentadas por Debus (2017).

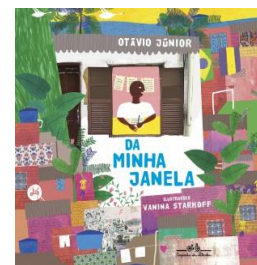
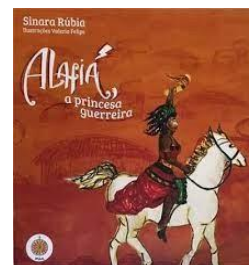
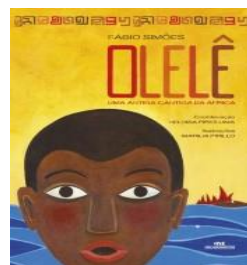
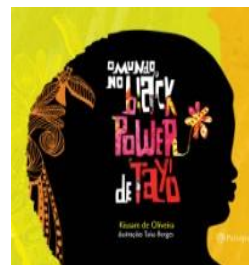
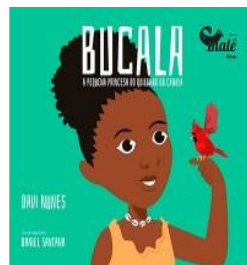
**LITERATURA
QUE TEMATIZA
A CULTURA
AFRICANA E
AFRO-BRASILEIRA**



Fonte: a autora, 2021

Imagem: Reprodução

**LITERATURA
AFRO-
BRASILEIRA**



Fonte: a autora, 2021

Imagem: Reprodução

LITERATURAS AFRICANAS



Fonte: a autora, 2021

Imagem: Reprodução

Embora tenha havido significativas mudanças na produção editorial de livros voltados ao público infantil e juvenil no que se refere à representatividade negra, ainda hoje há editoras que possuem poucos títulos em seus catálogos, ou que possuem uma variedade de títulos de um único autor, ou ainda cujos títulos possuem qualidade literária em que a reprodução de estereótipos se mantém.

Além disso, destaca-se também o fato de não haver uma incorporação expressiva de livros de literatura afro-brasileira nos acervos das em livrarias físicas, um dado que espelha e reproduz o silenciamento de autoras e autores negros numa sociedade racista e sustentada pela ideologia da branquitude. Por isso, seguem algumas sugestões de editoras e livrarias nas quais títulos voltados à infância que abordem a temática da cultura africana e afro-brasileira são encontrados com maior facilidade.

EDITORAS E LIVRARIAS VOLTADAS PARA A TEMÁTICA AFRO-BRASILEIRA

Pallas Editora Rio de Janeiro	Mazza Edições Belo Horizonte	Instituto Nandyala Editora e Livraria Belo Horizonte
Livraria Kitabu Rio de Janeiro	Nia Produções Literárias Literatura Infantil Juvenil afro/negra e periférica Rio de Janeiro	Editora Malê Rio de Janeiro

Fonte: a autora, 2021

A presença de personagens negros e negras como protagonistas nos livros de literatura infantil é capaz de colaborar de forma positiva na formação e fortalecimento da identidade racial das crianças, considerando modo como ela impacta na construção de sua subjetividade e de suas perspectivas. Mas, conforme aponta Oliveira (2020), “(...) a depender do texto, da ilustração, de quem escreve o texto e para qual público o autor/a está escrevendo”.

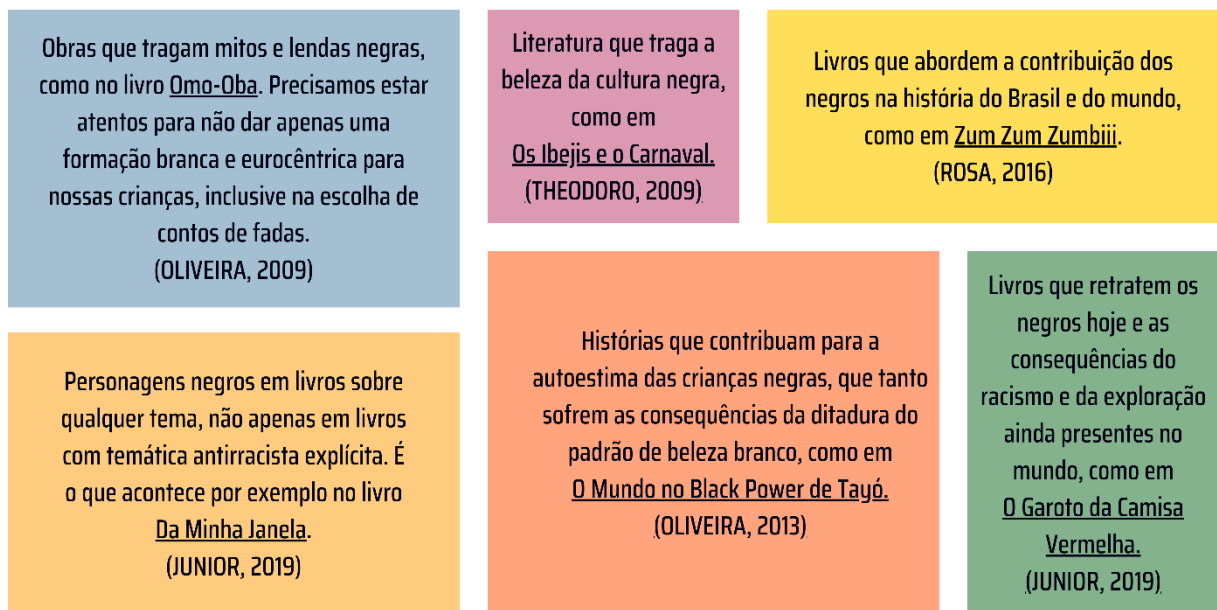
Partindo da premissa que a construção da identidade do indivíduo inicia-se na sua infância e passa, inevitavelmente, pelos referenciais que forem a ele apresentados (sejam positivos ou negativos), com os quais irá se deparar ao longo de sua vida, entende-se que a criança negra precisa se ver como negra, aprender a respeitar a imagem que tem de si e ter modelos que confirmem essa expectativa. É preciso apresentar a elas referenciais afrocentrados.

Neste momento, cabe aqui fazer os seguintes questionamentos: quantos livros com personagens negros tem na sua estante? Como as pessoas negras estão representadas nos livros que apresentamos às crianças? Temos um número relevante de escritores e ilustradores negros em nossa produção editorial?

Um olhar crítico e muito atento tanto para a narrativa quanto para as ilustrações é necessário para que a pluralidade, a diversidade de temas e abordagens e as muitas possibilidades de existência sejam garantidas nos livros, num movimento consciente de busca

e valorização de histórias com protagonismo negro. É válido lembrar que, uma vez que reflete muitas das questões sociais, a literatura infantil traz em si representações ideológicas relacionadas aos seus mais diversos aspectos representados pelos personagens.

De modo geral, pode-se dizer que são necessárias/os:



Fonte: a autora, 2021

O racismo é um grande entrave para que crianças negras consigam se enxergar como protagonistas dos próprios processos, para a aprendizagem, para a relação consigo e com os outros. É com base nessa relação que o protagonismo negro deve ser utilizado não apenas pensando na criança negra, mas também na criança não negra no sentido de educá-la para o olhar antirracista.

Uma vez que faz parte do universo infantil e permite uma interação rica com as crianças em diversos aspectos, favorecendo seu desenvolvimento cognitivo, intelectual, emocional e social, a literatura infantil é aqui apresentada como um importante suporte de reflexão e debate sobre as questões étnico-raciais, capaz de contribuir, ao mesmo tempo, para a construção de sentidos de pertencimento na criança negra e para formação de leitores críticos.

Debus (2017) salienta que,

A palavra ficcional arrebatava o leitor para um tempo e espaço que são diversos dos seus, (re)apresentando mundos e personagens que provocam a identificação, ou não,

bem como o alargamento do seu horizonte de expectativas. Desse modo, ele experiencia um viver distante do seu, ao mesmo tempo tão próximo, e, ao voltar desse encontro ficcional, já não é o mesmo; ele é capaz de reconfigurar o seu viver.

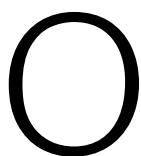
Ao considerar a importância da representatividade para a construção da identidade e da autoestima de crianças negras, e alinhar essa perspectiva à literatura infantil como modo de intervenção, entende-se como fundamental oferecer um repertório literário em que haja cada vez mais protagonistas negros com os quais se identifiquem, já que em muitos contextos ainda é predominante a ausência de diversidade. Isso porque

Nada é mais importante para uma criança que um conto que a insira no mundo dos humanos, dos animais e das coisas. Essa inserção faz-se por meio do apelo à sua imaginação. Como sabemos, sua faculdade de sonhar está sempre desperta. As crianças negras não são exceção a essa regra [...]. (MOORE *in* OLIVEIRA, 2014, p. 6)

Moore destaca a importância do universo literário para a infância e que as crianças negras não são uma exceção a isso. Assim, precisam ser apresentadas a elas, histórias em que se vejam como personagem central no reino da imaginação para que encontrem significações positivas que elevem sua autoestima, tão demolida no dia a dia, e que auxiliem na construção de sua identidade racial desde cedo ao verem seus rostos, seus cabelos ou sua cor de pele refletidos nas narrativas. Afinal, conforme aponta Oliveira (2020), não é fácil se afirmar negro diante de grupos que tentam, violentamente deslegitimá-lo invisibilizando-o.

SEGUNDA PARTE

O CURSO DE EXTENSÃO



curso de extensão *Literatura infantil e identidade negra nos anos iniciais: o protagonismo negro como ação afirmativa na construção da identidade racial e para uma educação antirracista* foi delineado a partir da análise de informações coletadas por um questionário de inscrição, considerando fundamentalmente as concepções e experiências de docentes a respeito da literatura infantil, especialmente afro-brasileira, e do conhecimento que possuem acerca da legislação que trata da educação para as relações étnico-raciais.

Realizado entre os meses de novembro e dezembro de 2021 e oferecido de forma gratuita, ele foi estruturado na modalidade remota e teve como público cerca de 24 docentes que atuam nos anos iniciais, na rede pública e/ou particular do estado do Rio de Janeiro. O curso contou com atividades síncronas e assíncronas pela plataforma *Moodle* e teve como carga horária o total de 20 horas. Foram organizados 4 encontros síncronos de 2 horas cada, que ocorreram uma vez por semana, e disponibilizados materiais com propostas a serem realizadas de forma assíncrona para complementação e aprofundamento das discussões feitas coletivamente.

O curso de extensão ofereceu experiências de aprendizagens diversificadas. Com leituras de textos, análise de materiais e construção de propostas de atividades, teve em vista discutir e repensar sobre o repertório literário disponibilizado em sala de aula, o lugar da autoria e do protagonismo negros, a potência das ilustrações e da narrativa na composição do livro infantil, bem como a necessidade de desconstrução do padrão colonizado presente em muitos títulos, associando tudo isso à noção de representatividade para o reconhecimento e valorização da identidade racial de meninas e meninos negros.

A partir de sugestões de livros de literatura infantil com protagonismo e autoria negros, pretendeu-se, ampliar conhecimentos por meio do compartilhamento de saberes e práticas de

sala de aula, com vistas a contribuir para a efetiva implementação do Artigo 26a da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e suas Diretrizes Curriculares.

As atividades desenvolvidas e os conhecimentos socializados fomentaram debates e reflexões tanto teóricas quanto práticas sobre o ensino na Educação Básica tendo em vista a educação para as relações étnico-raciais e a utilização da literatura infantil como um dos vieses para a realização deste trabalho. Neste sentido, as trocas realizadas deram o encaminhamento para a construção coletiva deste Produto Educacional e foram capazes de promover reflexões para uma prática mais rica e atuante em sala de aula na qual todos sejam igualmente valorizados, em que haja a valorização das culturas, das histórias e dos saberes construídos pela comunidade negra, de modo a contribuir para a promoção da igualdade racial.

É importante destacar que ainda que não estivessem diretamente envolvidas na pesquisa, as crianças foram parte essencial dela na medida em que foram a base sobre a qual se constituiu toda a reflexão deste estudo e, portanto, nortearam as reflexões docentes ao longo de todo o curso. Desse modo, elas foram (e são) as destinatárias para as quais se propunha uma prática voltada à construção e valorização da identidade racial negra.

Ao longo do curso foi feita a apresentação breve das perspectivas de autores que compõem o embasamento teórico que norteia a pesquisa, do que preconizam a Lei nº10.639/2003, que instituiu a inclusão no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira, e o Parecer CNE/CP nº 03/2004, que aprovou as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileiras e Africanas.

Alguns tópicos elencados para nortear as discussões dos encontros foram:

A colonialidade e os valores europeus estabelecidos como supremacia, que teve como uma de suas muitas consequências o apagamento cultural do ser negro, uma vez que seus modos de ser e de saber foram silenciados, ignorados e marginalizados;

A importância da representatividade racial em sala de aula para o (re)conhecimento e construção da identidade de crianças negras dos Anos Iniciais;

A dificuldade que ainda existe para o cumprimento da Lei nº 10.639/03 e suas formas de regulamentação que se colocam nesse campo;

A percepção de que a noção de pertencimento perpassa a infância;

A relevância da Literatura Infantil para o desenvolvimento da leitura crítica nas crianças, bem como para educá-las para um olhar antirracista.

Fonte: a autora, 2021

As atividades do curso foram organizadas com a utilização de recursos variados, tais como textos acadêmicos, vídeos, questionários e outros. A exemplo, é apresentado neste material o vídeo utilizado no momento de acolhida⁴ do primeiro encontro síncrono, considerando que pode ser utilizado de algum modo por você, em seu fazer docente.

Neste encontro utilizou-se um vídeo para a apresentação da canção “Funga Alafia”, cuja escolha foi feita porque além de poder ser utilizada em dinâmicas de grupo, é também uma sugestão para realização de atividades com as crianças. Quando cantada, é acompanhada por gestos expressivos que representam seu significado, os quais foram livremente traduzidos em diversas partes do mundo. Portanto, possui algumas variações, mas todas elas expressando acolhimento, afetividade, amizade e boas-vindas. Destaca-se também que a palavra *axé* pode ser utilizada como uma saudação, um cumprimento por meio do qual se deseja ao próximo coisas boas, força, ânimo e energia.

No livro musicado "Brincadeiras Cantadas de Cá e de Lá", de Maristela Loureiro e Ana Tatit (2014), são apresentadas duas versões:

Versão 1

Versão 2

Funga alafia Axe, axel

Funga alafia Axe, axe!

⁴ Em todos os encontros do curso de extensão foi feito um *check in* para iniciá-lo (momento de acolhida) e um *check out* para encerrá-lo, sempre com algum vídeo, cantiga, provérbio africano ou citação para reflexão.

Funga alafia Axe, axe! (bis)

Em ti eu penso

Contigo eu falo

De ti eu gosto

Somos amigos

Funga alafia Axe, axe! (bis)

Meus pensamentos estão prontos para te receber

Minhas palavras são de acolhimento

Meu coração está repleto de afetividade

E não tenho cartas na manga

Você pode assistir ao vídeo clicando na imagem abaixo ou acessando pelo QR-Code.



Imagem: Reprodução

Fonte: YouTube - Mundo Aflora

No primeiro encontro síncrono, foi apresentada a proposta do curso, seus objetivos, e de que modo seria realizado. A partir disso, foram iniciadas as discussões em torno da temática e da perspectiva de estudo defendida, que é o uso da literatura infantil com protagonistas negros sob o viés da decolonialidade, buscando verificar se os docentes já possuíam contato com esse tipo de material.

Com o intuito de despertar um olhar crítico desses docentes para a seleção de títulos infantis com a temática étnico-racial, foi feita uma análise coletiva e comparativa entre dois livros: um que embora apresente uma proposta positiva pode ser bastante questionável pelo fato de ainda não ter conseguido escapar de uma perspectiva branca; e outro alinhado ao princípio da ressignificação da identidade negra.

Desse modo, os docentes foram convidados a refletir se a simples representação de uma personagem negra nos livros de literatura infantil garante a noção de pertencimento,

afirmação e valorização da identidade racial de crianças negras. Após um momento de debate sobre as ideias lançadas, foram apresentados de forma global alguns livros de literatura infantil afro-brasileira previamente selecionados e o protótipo deste Produto Educacional para uma apreciação coletiva.

Ainda nesse primeiro encontro, foi feita uma discussão sobre o material apresentado para que os docentes manifestassem seus conhecimentos, experiências, impressões e sugestões. Esses livros foram esmiuçados nos demais encontros para que a construção do Produto fosse realizada de forma coletiva ao longo do curso.

No segundo encontro, foram retomadas as discussões anteriores e a apresentação da primeira versão do Produto Educacional, organizado a partir de suas contribuições. Em seguida, foi explorado o primeiro título selecionado com um momento de conversa, apresentação do(a) autor(a) e pré-leitura do livro, em que os docentes foram instigados a expor suas ideias e impressões iniciais. Nesse momento, a mediação da pesquisadora buscou despertar a criticidade para a obra, vislumbrando seu sentido estético.

Durante a leitura do livro, foi feita a apresentação das ilustrações, bem como a mediação dialógica e problematizadora a partir das peculiaridades dos discursos étnico-raciais suscitados na narrativa. Essas problematizações foram aprofundadas e registradas com a elaboração coletiva de propostas de atividades, e inseridas no Produto. Este, por sua vez, passou por nova reorganização consoante o que fora discutido para que fosse apresentado no próximo encontro síncrono.

No terceiro e quarto encontros, a metodologia utilizada foi a mesma, havendo, portanto, a apresentação da nova versão do Produto Educacional, apresentação do título literário e momento de debate sobre o material para que os participantes da pesquisa dessem sua colaboração na construção de atividades diversificadas que possibilitam a valorização da identidade étnico-racial.

Os procedimentos metodológicos das atividades propostas têm como base as contribuições apresentadas por Cosson (2014). Para o autor, existe um percurso no encontro do leitor com a obra e na sua apropriação, sendo necessário um método para se trabalhar a literatura. Desse modo, elas partem sempre de uma roda de leitura e, posterior a ela, de uma conversa orientada que permita às crianças apresentarem oralmente suas percepções sobre a história, sobre seus personagens e seus conflitos.

O quarto e último encontro teve como proposta que os docentes avaliassem a versão mais atualizada do material construído, que ainda seria finalizado pela pesquisadora, avaliassem verbalmente o curso oferecido, sua participação na pesquisa, além de dizer se, e de que modo, ela trouxe contribuições para si.

Também, foi disponibilizada uma avaliação sobre o curso na plataforma *Moodle* para que os docentes pudessem responder indicando suas expectativas ao se inscreverem no curso, se se sentiram contemplados com as discussões apresentadas e com as propostas desenvolvidas, como o curso colaborou com sua formação docente, além de fazerem outros apontamentos que julgarem pertinentes. Essas informações também foram consideradas na análise dos dados da pesquisa.

As trocas realizadas ao longo do curso deram o encaminhamento para a construção desse material. Pretendeu-se com essa experiência ampliar conhecimentos e contribuir para a qualificação docente no que se refere à implementação da Lei nº10.639/2003 por meio da literatura infantil.

Como forma de agradecimento aos docentes pela participação no curso de extensão *Literatura infantil e identidade negra nos anos iniciais: o protagonismo negro como ação afirmativa na construção da identidade racial e para uma educação antirracista*, foi elaborado pela pesquisadora um calendário para ser enviado como lembrança aos concluintes, intitulado *Por uma educação antirracista*. O calendário foi enviado por *e-mail*, tanto no formato de arquivo em anexo quanto via *link* disponibilizado no corpo da mensagem, e constitui-se como um produto indireto dessa experiência.

Esse calendário foi pensado com o objetivo de contribuir com a construção da identidade racial de crianças negras e para uma educação antirracista, por meio do protagonismo negro nos livros de literatura infantil. Para auxiliar e inspirar o planejamento escolar do decorrer de todo o ano letivo, ele foi organizado de forma que, a cada mês, fosse apresentada uma sugestão de título de literatura infantil afro-brasileira, com um espaço para que os docentes pudessem acrescentar as suas próprias notas e observações.

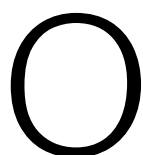
A ideia era de que eles tivessem um reforço do valor e da importância do protagonismo negro como ação afirmativa na construção da identidade racial e de educar para o antirracismo, com sugestões de títulos para além dos que foram discutidos ao longo dos encontros. Isso porque era desejo que as ações pedagógicas realizadas propiciassem um olhar mais reflexivo sobre representatividade étnico-racial, permitindo que as crianças negras

vivenciassem um ambiente igualitário, de valorização e empoderamento, no qual fossem rompidos os referenciais eurocêtricos interiorizados, com os quais se deparam inclusive nos livros de literatura infantil. Você pode acessá-lo ao clicar na imagem abaixo ou pelo QR-Code.



Fonte: a autora, 2021

PROPOSTA DO MATERIAL



s títulos escolhidos para compor este material foram selecionados junto aos docentes participantes do curso ao longo dos encontros síncronos. Eles são um pontapé inicial para a seleção de outros tantos que abordam a temática, sempre com o cuidado de adequá-los – e também seus desdobramentos – aos interesses das crianças, desde a seleção, perpassando pelo modo como a abordagem da temática e discussões serão conduzidas, com menor ou maior grau de complexidade em sua estruturação e riqueza de detalhes.

Para as turmas de 1º e 2º anos, por exemplo, tendo em vista que as crianças estão iniciando o percurso leitor e ganhando autonomia nesse processo, a sugestão é que os livros escolhidos estejam escritos em caixa alta (o que nem sempre é possível), sejam mais curtos e tenham mais imagens, contudo não podem ser textualmente rasos. É importante atentar-se para a qualidade textual e estética das obras, buscando livros que tenham uma relação interessante entre texto e ilustração.

Uma vez que as imagens representam outra linguagem, além da textual, permitindo novas leituras e olhares sobre a história que se lê, em especial entre os alunos menores, as ilustrações devem estimular conversas e reflexões.

Para as turmas de 3º a 5º anos a sugestão é colocar as crianças em contato com textos mais complexos, não apenas pela questão linguística, mas também pelas referências culturais que compõem seus significados, estimulando-os de maneira mais aprofundada e crítica no processo de percepção da identidade negra, segregação e preconceito, para uma consciência política e histórica da diversidade.

O ponto principal a ser destacado é que seja realizado um trabalho contínuo em que ao longo dos anos de escolaridade as crianças mantenham um contato frequente com

literaturas que abraçam a cultura afro-brasileira e sejam estimuladas a conhecer inúmeros aspectos relacionados à pluralidade cultural.

As atividades foram elaboradas a partir de três livros, que foram escolhidos a partir da seguinte estratégia no que diz respeito ao público leitor:

- a) 1 livro para ser trabalhado com turmas de 1º ano;
- b) 1 livro para ser trabalhado com turmas de 2º e 3º anos;
- c) 1 livro para ser trabalhado com turmas de 4º e 5º anos.

Para a seleção, foi ponderou-se não apenas o conteúdo textual, mas também a representação do negro como protagonista. Desse modo, para a afirmação da identidade racial de crianças negras, considerou-se importante que, além do enfoque envolvendo a temática, fossem observadas nas ilustrações como eram evidenciados os traços fenotípicos negros, ou seja, como essas personagens eram retratadas.

Os trabalhos realizados com cada um dos títulos escolhidos serão organizados a partir da perspectiva de letramento literário, apontada por Cosson (2014), com as etapas de pré-leitura, leitura e pós-leitura. Ressalta-se que, uma vez que o planejamento é flexível, podem ser realizadas alterações e adaptações nas atividades conforme as necessidades de cada realidade de sala de aula.

Nesse sentido, foram definidos como critérios para a escolha dos livros: 1) publicações após a Lei nº10.639/2003; 2) autoria de escritoras e/ou escritores negros que pesquisam sobre as questões raciais; 3) apresentação estética; 4) presença de linguagem clara e com potencial para envolver e instigar; 5) afirmação e valorização da identidade negra a partir da apresentação positiva e dos traços da cultura africana e afro-brasileira; e 6) produções que apresentam meninas e/ou meninos negros como protagonistas.

A partir desses critérios, temos:

Títulos Selecionados



Imagem: Reprodução

1º ano

**As bonecas
negras de Lara
(FERREIRA, 2017)**



Imagem: Reprodução



Imagem: Reprodução

2º e 3º anos

**O Pequeno Príncipe
Preto para pequenos
(FRANÇA, 2020)**



Imagem: Reprodução



Imagem: Reprodução

4º e 5º anos

**O mundo no black
power de Tayó
(OLIVEIRA, 2013)**



Imagem: Reprodução

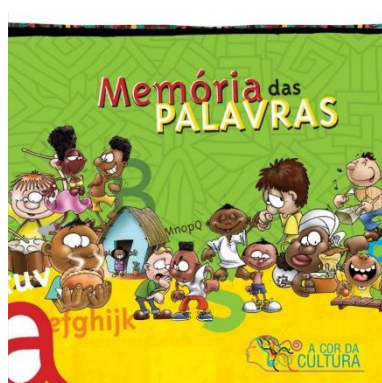
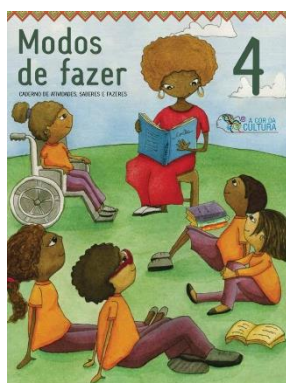
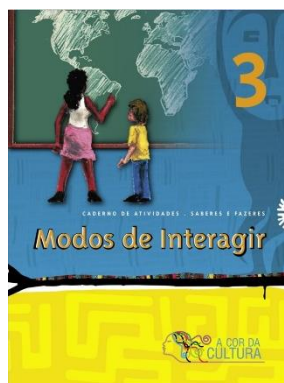
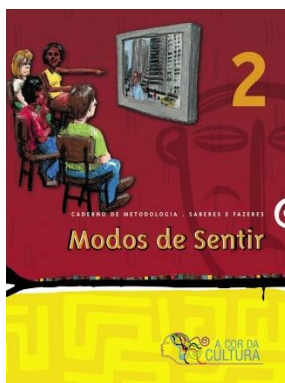
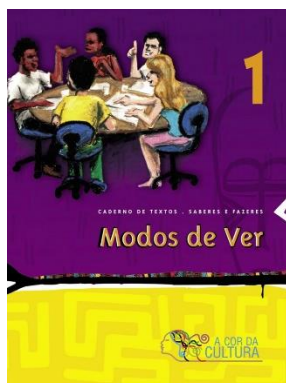
Fonte: a autora, 2021

Essas obras são percebidas como uma possibilidade rica de trabalho para o (re)conhecimento racial de crianças negras por meio da representatividade, da ancestralidade, da cultura africana e da imagem positiva sobre as características fenotípicas de crianças negras a partir das representações nele contidas, uma vez que as protagonistas fogem aos estereótipos eurocêntricos comumente encontrados na literatura infantil.

Neste material são apresentadas algumas sugestões de abordagens da história e cultura afro-brasileira e africana em turmas dos anos iniciais por meio dos títulos indicados, a fim de contribuir com possibilidades para que esse trabalho possa ser realizado em sala de aula, de modo que seja apresentado às crianças um saber decolonizado. Ressalta-se, no entanto, que são apenas sugestões que podem e devem ser ampliadas e adaptadas com base na realidade vivenciada nos diferentes contextos escolares e com o currículo de cada ano de escolaridade.

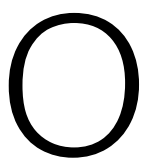
Além do que aqui é proposto, uma fonte riquíssima para consulta e que certamente te auxiliará na realização de uma prática pedagógica com a perspectiva da educação para as relações étnico-raciais é o kit A Cor da Cultura, que faz parte do projeto educativo de valorização da cultura afro-brasileira idealizado por Azoilda Loretto da Trindade. Esse é um projeto resultante da parceria entre a Petrobrás, o Cidan – Centro de Informação e Documentação do Artista Negro –, a extinta Seppir – Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial –, o Ministério da Cultura (por meio da Fundação Cultural Palmares, Fundação Roberto Marinho, Canal Futura e a TV Globo) e o Ministério da Educação (por meio da SECADI).

O projeto dispõe de um conjunto de materiais direcionados aos professores para utilização em sala de aula, composto por cinco cadernos com artigos, indicações de leituras e de atividades, e pelo glossário Memória das Palavras. Os cadernos estão divididos da seguinte forma: Caderno 1 – Modos de Ver; Caderno 2 – Modos de Sentir; Caderno 3 – Modos de Interagir; Caderno 4 – Modos de Fazer; e Caderno 5 – Modos de Brincar. Cada um deles poderá ser acessado ao clicar nas imagens abaixo, ou pelo QR-Code. Aproveite! Use e abuse!



TERCEIRA PARTE

ORIENTAÇÕES DE USO



procedimentos metodológicos das propostas de atividades aqui sugeridas, a partir dos livros selecionados, têm como base as contribuições apresentadas por Cosson (2014) ao discorrer sobre letramento literário.

Para o autor, existe um percurso no encontro do leitor com a obra e na sua apropriação, sendo necessário um método para se trabalhar a literatura na escola já que todo processo educativo precisa ser organizado para atingir seus objetivos.

Essa organização conta com as etapas de pré-leitura, leitura e pós-leitura, que podem ser desenvolvidas por meio do que denomina como Sequência Básica e Sequência Expandida.

A Sequência Básica do letramento literário é mais voltada aos anos iniciais e constitui-se por quatro passos: 1) motivação, que consiste em preparar o leitor para “entrar” no texto; 2) introdução, que é a apresentação do autor e da obra a ser lida para o leitor; 3) leitura, que é o contato efetivo do leitor com a obra; e 4) interpretação, que consiste nas inferências utilizadas para a reflexão e construção de sentidos do texto, estabelecendo um diálogo entre autor, leitor e comunidade.

A Sequência Expandida, por sua vez, é uma extensão da Sequência Básica e comumente utilizada a partir dos Anos Finais do ensino fundamental. Além dos passos apresentados na Sequência Básica, são acrescentadas a primeira interpretação, contextualização (teórica, histórica, estilística, poética, crítica, presentificadora e temática), segunda interpretação, expansão e experiência reveladora. É possível perceber, nesse sentido, que a diferença entre ambas diz respeito à complexidade do trabalho a ser desenvolvido.

Cosson (2014) ressalta que, embora as sequências sejam divididas em etapas e que cada uma delas demande uma estratégia, é possível, por exemplo, misturar o momento da leitura com a interpretação e a motivação com a introdução, a partir das necessidades e

características da turma, mas sem perder de vista que é necessário haver um encadeamento de ideias.

Considerando que este material tem como público-alvo estudantes dos anos iniciais, ater-se-á, então, à Sequência Básica para as sugestões de abordagem de cada título, cujos critérios para seleção já foram mencionados.

Em seu bojo, as Sequências Básica e Expandida buscam não apenas proporcionar a leitura, mas também o diálogo e a relação do leitor com a história, estabelecer reflexões sobre texto escrito e imagético, além de provocar inquietações e discussões a partir da exploração sobre o que foi lido. A seguir, serão explicitados cada um dos passos da Sequência Básica.

Sequência Básica

01**Motivação****02****Introdução****03****Leitura****04****Interpretação**

Fonte: a autora, 2021

1. Motivação

A motivação do interesse pelo texto a ser lido consiste numa atividade de preparação e antecipação ao tema que será explorado no livro, cujos mecanismos utilizados, de acordo com Cosson (2014), passam despercebidos pelo leitor e devem ser conduzidos de modo a favorecer o processo da leitura como um todo. Conforme aponta o autor, o sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de boa motivação.

2. Introdução

A apresentação do livro corresponde ao segundo passo da Sequência Básica, que denominada de Introdução. Ela consiste em muito mais que simplesmente apresentá-lo fisicamente às crianças, ou seja, que mostrar a capa. Cosson (2014) chama de introdução a apresentação do autor e salienta que, embora essa seja uma atividade relativamente simples, demanda que alguns cuidados sejam tomados.

O livro deve ser apresentado com todas as suas informações: autor, ilustrador, características da capa e editora. A apresentação do autor deve ser feita de forma breve, com informações básicas, mas, ao mesmo tempo, relevantes para as crianças e que, se possível, estejam ligadas ao texto a ser lido. A biografia do autor ou da autora, bem como a de quem ilustrou a obra é um entre outros contextos que acompanham o texto, a qual pode (e deve!) ser explorada de forma mais aprofundada no trabalho realizado com as crianças na etapa da Interpretação.

Outro cuidado que Cosson (2014) pontua é que a obra não fala por si só. É, portanto, necessário que o professor encaminhe alguns direcionamentos como, por exemplo, falar da obra e da sua importância naquele momento. Desde modo, ele justifica sua escolha sem, contudo, fazer uma síntese da história pela razão óbvia de que, assim, elimina-se o prazer da descoberta. Essa estratégia auxilia o despertar no leitor à curiosidade não sobre o fato, mas sim sobre como aconteceu.

É também na apresentação física da obra que se chama a atenção para a leitura da capa e outros elementos paratextuais que a compõem, como a orelha e a contracapa. As apreciações críticas nelas presentes são instrumentos facilitadores da introdução e muitas vezes trazem informações importantes para a interpretação que podem ainda ser utilizadas para explicitar ao leitor as qualidades que levaram à seleção de tal obra.

Nesse caso, essa leitura do livro é feita de forma coletiva. Por isso, é tão importante que sejam levantadas hipóteses sobre o desenvolvimento do texto e que o leitor seja incentivado a retomar suas primeiras impressões ao final da leitura do livro, comprovando-as ou recusando-as, como um confronto com as expectativas criadas.

Para Cosson (2014), ainda na introdução, os prefácios têm grande relevância e possuem um lugar especial. Em geral, eles fornecem elementos paratextuais que são objetos para a realização de atividades específicas, as quais podem ser desenvolvidas antes e/ou depois da leitura. Ressalta-se, todavia, que todos eles não devem ser tomados como direção de leitura da obra, mas como uma leitura entre outras.

Embora haja muitos elementos a serem explorados antes da leitura do texto, é importante que esse momento de introdução não se estenda já que sua função é de apenas permitir que o leitor tenha seu interesse despertado para o texto. Desse modo, é necessária uma seleção criteriosa daqueles títulos que serão explorados e os aspectos dos paratextos que serão enfatizados.

3. Leitura

Na etapa da leitura, especialmente com crianças menores, é interessante que o contato efetivo do leitor com a obra seja feito em roda para uma melhor apreciação das ilustrações e devido à experiência estética que o texto proporciona. Além disso, para garantir um maior envolvimento das crianças, a história deve ser narrada com o cuidado de quem conhece previamente o texto e pensa não apenas no tom de voz adequado para cada momento contado, mas também nas pausas, no olhar e na apresentação das figuras após a leitura de cada página para observação das imagens e do projeto gráfico, enfim na apresentação expressiva do texto.

4. Interpretação

Após a contação da história chega-se ao último passo da Sequência Básica, que é denominada por Cosson (2014) como Interpretação. Ela consiste nas inferências utilizadas para a reflexão, que são compartilhadas para a construção e ampliação de sentidos do texto, estabelecendo um diálogo entre autor, leitor e comunidade. Para o autor, ela pode ser individual, em grupos ou pelo conjunto da turma, pensada em dois momentos: o momento interior e o momento exterior.

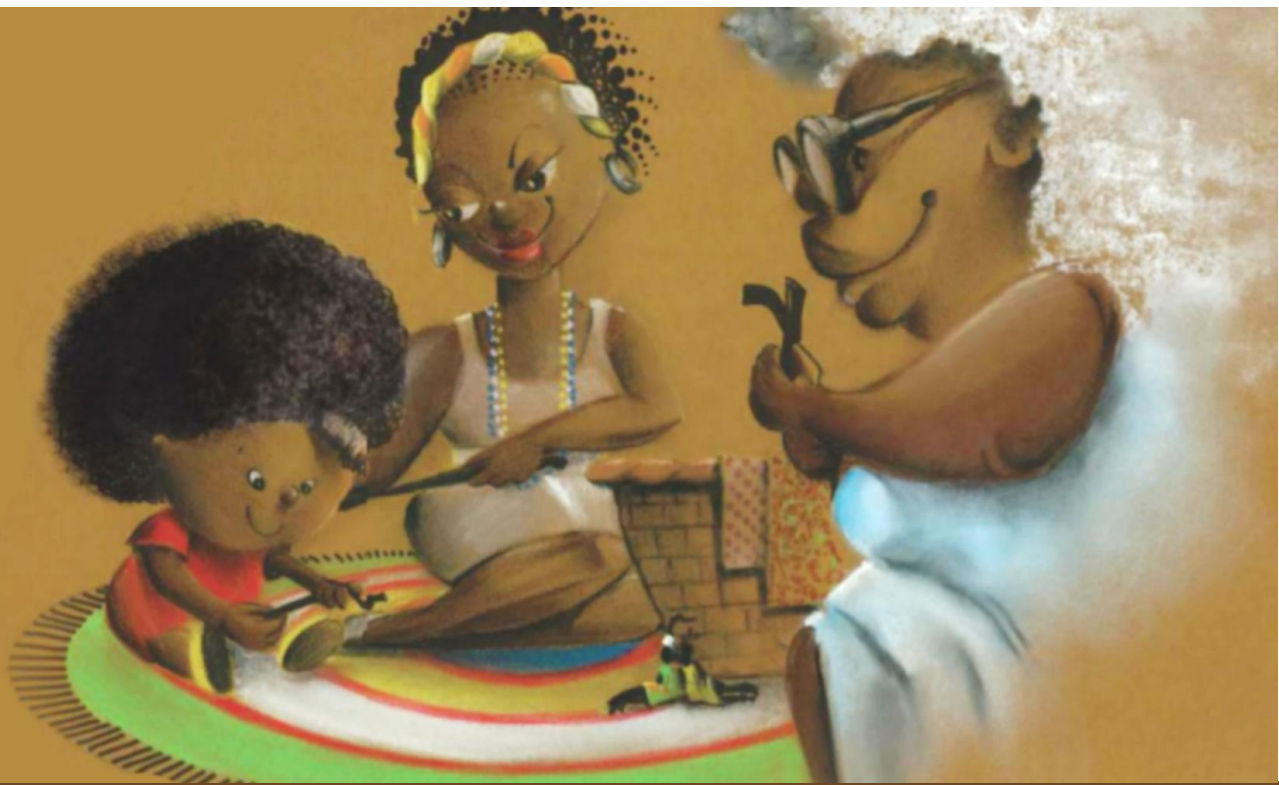
O momento interior é de caráter individual, ou seja, pessoal e íntimo, que resulta da experiência da leitura. É a apreensão global da obra a partir do encontro do leitor com o texto, num processo afetado pelo que se fez antes e se faz durante a leitura. Assim, a motivação, a introdução e a leitura, são elementos de interferência, bem como o repertório do leitor, as relações familiares e tudo mais que constitui o contexto da leitura. Eles são fatores que vão contribuir de forma favorável ou desfavorável para essa interpretação.

O momento exterior é a concretização, a materialização da interpretação como forma de construção de sentidos. Ou seja, seu registro. Essa materialização irá variar de acordo com o texto escolhido, com a faixa etária das crianças, com os objetivos a serem alcançados, entre outros aspectos, os quais devem ser sempre levados em consideração no planejamento da sequência básica, a partir das características de cada etapa. Considera-se oportuno destacar que todas elas devem estar alinhadas com os conteúdos curriculares propostos para cada ano de escolaridade, nas mais diversas áreas do conhecimento e de forma integrada.

Cosson (2014) ressalta não haver restrições para as atividades de interpretação e que as possibilidades de registro são diversificadas. Contudo, as estratégias elencadas devem ser pensadas de modo que o leitor tenha a oportunidade de fazer uma reflexão sobre a obra lida e externá-la de uma forma explícita, que seja estabelecido o diálogo entre os leitores da comunidade escolar e que seja mantido o caráter de registro do que foi lido.

As atividades deste material estão organizadas por seções, uma para cada título literário selecionado. Os títulos, por sua vez, estão direcionados a determinados anos de escolaridade (1º ao 5º ano). Todavia, dependendo da abordagem e proposta a ser utilizada, elas podem ser adaptadas para outros anos que não o(s) indicado(s).

Em cada uma das seções é feita a apresentação da obra, são elencadas as sugestões de atividades com base cada um dos passos aqui apresentados e há também uma parte para que possam ser feitos registros/anotações particulares sobre o material proposto.



AS BONECAS NEGRAS DE LARA – 1º ANO

Aparecida de Jesus Ferreira, 2017

SOBRE A OBRA...

As bonecas negras de Lara foi escrito pela professora Dra. Aparecida de Jesus Ferreira (2017), pesquisadora e autora de trabalhos na área de identidades sociais de raça e formação de professores, e ilustrado por Élio Chaves.

O livro conta a história de Lara e seus amigos Paula e Sérgio, que falam sobre suas experiências com bonecas negras. Ela é uma menina negra, de cabelos crespos, que aparece logo na capa do livro segurando bonecas Abayomi.

Além delas, Lara tem uma coleção de bonecas que, embora sejam todas negras, possuem características distintas no que diz respeito ao tom de pele, tipo de cabelo, biotipo e gênero. Lara gosta muito de suas bonecas e sempre chama seus amigos para brincarem juntos. Em uma dessas brincadeiras é que eles começam a contar suas histórias.

Essa é uma obra que fala sobre representatividade na diversidade, mostrando que nenhuma criança é igual a outra, que as diferenças devem ser respeitadas e valorizadas. Assim, Lara e Sérgio são negros e possuem cabelos crespos, mas Lara possui o tom de pele mais escuro que o de Sérgio e o cabelo mais crespo. Já Paula é branca, tem cabelos lisos e mais claros.

Embora aborde como tema central a identidade racial negra, salientando os diversos tons de pele e texturas de cabelo, o livro apresenta também diferentes constituições familiares ao contar que Lara tem duas casas, ficando uma parte da semana com a mãe e da outra com o pai, que Paula vive com a avó, e que Sérgio mora com seu pai e sua mãe na mesma casa.

Além disso, busca desconstruir os estereótipos de gênero com o fato de Sérgio, mesmo sendo menino, brincar com bonecas e mostrar que não há brinquedos para meninas e brinquedos para meninos, mas que há brinquedos que devem ser brincados pelas crianças.

Essa questão pode ser percebida enquanto ele brinca com Lara e Paula, e quando conta a experiência que teve ao ir ao parque com o pai. Lá, Sérgio e uma menina brincam com carrinhos e bonecas de várias cores, sendo uma delas, negra.

As bonecas Abayomi, cujo mito de sua origem é contado na narrativa, despertam certa curiosidade por não se tratar daquelas que são comumente comercializadas para o público

infantil. Representantes da cultura Africana, são hoje símbolos da história de luta e resistência das mulheres negras, disponibilizadas para venda em feiras culturais ou de artesanato.

No texto que acompanha a imagem das bonecas Abayomi, Lara conta que sua bisavó lhe falou sobre o modo como elas eram confeccionadas durante a travessia dos navios negreiros vindos para o Brasil, no período de escravização do povo negro. Assim, segundo ela, as escravas faziam as bonecas apenas com nó, utilizando pedaços de tecido de seus próprios vestidos para que seus filhos brincassem enquanto ainda estavam dentro dos navios.

Misturando história, mito, tradição e literatura, Lara diz a seus amigos que possui várias bonecas Abayomi feitas por ela junto com sua bisavó Maria. Explica ainda que confeccioná-las é uma tradição que passa de mãe para filha por anos na sua família. Deste modo, a bisavó Maria aprendeu com sua mãe e ensina Lara.

Outro aspecto importante que aparece na obra é o processo de (re)conhecimento da pertença racial ao longo da experiência contada por Paula. Ao contar sua história, ela relata sobre a boneca negra que fez durante de uma aula, quando a professora solicitou que as crianças pintassem bonecas e bonecos e desenhassem seus cabelos, momento no qual foram observadas questões a respeito do lápis “cor de pele”.

O texto evidencia que não existe apenas um lápis cor de pele (rosa/salmão), mas sim vários tons, considerando aqueles que realmente se aproximam da tonalidade de cada um. A partir disso, é possível refletir sobre a importância do trabalho docente na realização de propostas de atividades que desenvolvam a criticidade, permitam que as crianças se reconheçam e valorizem sua identidade racial contribuindo para que elas não sigam padrões socialmente reconhecidos como “belos”.

As bonecas negras de Lara é uma obra que aborda questões referentes a identidades sociais de raça, o conceito de família, conceito de gênero, ancestralidade e aspectos da história e da cultura africana, evidenciando a importância de que saíamos do tradicionalismo imposto sobre cada um desses.

Ao final do livro, a autora apresenta algumas sugestões de atividades para que os docentes possam desenvolver em sala de aula, que possibilitem a discussão sobre amizade e respeito, além de estimular a criatividade das crianças.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES...

1. Motivando o leitor para “entrar” no texto

Como na obra selecionada a presença de bonecas que fogem aos estereótipos eurocêntricos é marcadamente relevante, podem ser utilizadas estratégias que levem as crianças a refletir sobre a existência ou não de bonecas negras, bem como sobre sua disponibilidade nas lojas a partir de uma discussão coletiva, realizada numa roda de conversa.

Inicialmente, pode ser feita com uma abordagem sobre brincadeiras e brinquedos, ressaltando a importância do brincar, e que esse é um momento em que elas se relacionam com o outro. Após isso, é oportuno perguntá-las sobre suas preferências, registrando no quadro primeiro uma lista de brincadeiras e depois uma de brinquedos, à medida que forem falando.

Com base em experiências anteriores vivenciadas em sala de aula com crianças dessa faixa etária, a palavra BONECA aparecerá na segunda lista. Chamando atenção para esse brinquedo, é possível explorar junto às crianças características que aprofundarão e seguirão para os próximos encaminhamentos a partir das seguintes questões: Como é o corpo de uma boneca? Parece-se com o corpo de uma pessoa? Em quais aspectos?

Após ouvir a fala das crianças, a proposta que segue é a de apresentar imagens de algumas bonecas, em dois momentos, para que possam observá-las atentamente e compará-las. No primeiro momento, devem ser apresentadas bonecas diferentes, mas todas de pele clara, para que seja feita a comparação sobre o que elas têm em comum. No segundo momento, devem ser apresentadas uma das bonecas anteriores e a imagem de uma Abayomi para que as crianças também possam elencar suas semelhanças e diferenças.

Algumas perguntas podem ser feitas no sentido de levá-las a pensar nas características físicas das bonecas, como: Elas são da mesma aparência? Vocês já tinham visto uma boneca branca? E uma boneca preta? Qual das duas vocês consideram que é mais fácil de encontrar numa loja, nas casas, nas escolas ou com as crianças? Caso alguma delas mencione que tem uma boneca preta, é interessante ser convidada a levá-la no próximo encontro para que mostre aos colegas.

Feita essa análise e reflexão sobre as imagens apresentadas, com o auxílio de um *notebook* conectado à *internet*, deve-se abrir o navegador e digitar a palavra “boneca” na pesquisa por imagens e pedir para que as crianças contem, dentre as que aparecem, quantas são brancas e quantas são negras, apontando um novo questionamento: Se as bonecas se parecem com pessoas, elas estão representando os diferentes tipos de pessoas que existem, com a diversidade de tons de pele e tipos de cabelo que possuem? Vocês gostariam de ter uma boneca ou um boneco parecido com vocês? Como se sentiriam?

A sugestão de atividade elencada pela autora, ao final do livro, para esse momento inicial, é perguntar às crianças se todas e todos têm bonecas ou bonecos, procurando saber quais são as características físicas e o pertencimento étnico-racial, além de contar para elas sobre suas próprias bonecas que teve quando criança ou que gostaria de ter tido.

A partir das discussões realizadas, é o momento de fazer um paralelo com a história a ser contada, explicando que nela conhecerão uma coleção de bonecas negras e a lenda de origem da Abayomi, aquela que foi apresentada em uma das imagens durante a rodinha.

2. Apresentação da autora e da obra a ser lida

Para a apresentação do livro *As bonecas negras de Lara*, pode ser pontuado às crianças que elas irão conhecer a história de uma menina com uma coleção de bonecas que se parecem com ela, pelas quais é apaixonada. Além disso, que algumas dessas bonecas são Abayomi feitas por ela junto com sua bisavó.

O livro deve ser apresentado de forma breve com todas as suas informações: quem são a autora e o ilustrador, cujas informações aparecem ao final do livro, a editora e as características da capa. Além disso, alguns direcionamentos como, por exemplo, falar da obra e da sua importância naquele momento, podem ser encaminhados.

Feito isso, é relevante chamar atenção para a ilustração da capa, perguntando sobre as características fenotípicas de Lara, se já viram uma boneca Abayomi antes e explicar que não se trata apenas uma boneca, mas de um objeto que é símbolo cultural e de resistência da história de um povo. Cabe fazer também o seguinte questionamento: Sabemos que existem brancos, pretos, indígenas etc. Qual grupo étnico vocês acham que é representado pela boneca Abayomi? A partir disso, explicar que ela é capaz de fomentar elementos de matriz africana.

3. O contato efetivo com a obra

Na etapa da leitura, a proposta é a de que o contato efetivo das crianças com a obra seja feito em roda para uma melhor apreciação das ilustrações e para garantir um maior envolvimento. Ao longo da contação, cabem ser feitas pausas para a apresentação das figuras após a leitura de cada página, de modo que elas possam observar os detalhes das imagens e do projeto gráfico.

É indicado que, durante a contação da história, as características fenotípicas de Lara e seus amigos, como a cor da pele, cabelo, traços faciais etc. sejam destacadas e valorizadas, chamando atenção para os diferentes tons de pele e texturas de cabelo. Isso também pode ser feito em relação à sua coleção de bonecas, que aparece logo no início da narrativa.

Também, deve-se buscar estabelecer reflexões sobre texto e imagem a fim de provocar inquietações. Nesse momento, é comum que comentários sejam tecidos em relação à história, os quais podem ser naturalmente conduzidos possibilitando uma troca rica para que, posteriormente, sejam feitas discussões e explorações sobre o que foi lido.

A autora sugere que as crianças sejam perguntadas sobre com quem moram e se possuem histórias parecidas com as de Lara, Paula e Sérgio. Também, podem ser levantadas questões sobre os estereótipos de gênero (em relação aos brinquedos, cores de roupas etc.), sobre o lápis “cor de pele”, sobre as bonecas Abayomi e sobre ancestralidade.

4. A reflexão e a construção de sentidos do texto

Para esse momento, podem ser discutidas coletivamente, por meio de uma conversa ainda em roda e de forma organizada, algumas provocações referentes ao livro, mas sem imposições. Deve ser oportunizada a exposição de ideias, opiniões, impressões e sensações sobre a obra lida, bem como exploradas questões, por exemplo, de comparação entre as bonecas que fazem parte da coleção de Lara com as que são comumente comercializadas, e sobre a importância da representatividade uma vez que a população brasileira é plural e diversa. Nesse sentido, cabe orientar as crianças para que compreendam que a essência do nosso povo é a diversidade: somos pretos, indígenas, brancos, pardos, amarelos etc.

É interessante indagar o que elas acharam sobre conhecer um livro que fala sobre bonecas negras, o que mais gostaram na história, perguntar se algum dia já fizeram seu

autorretrato e explorar a palavra ABAYOMI. A partir dessa exploração e do mito de sua origem, que é apresentado na história, explicar por meio de uma linguagem adequada à compreensão das crianças como os africanos foram trazidos para o nosso país, o processo de escravização de mão de obra ao qual foram submetidos e a resistência dos povos escravizados.

Contudo, é de extrema importância e relevância também explicar a elas que a narrativa apresentada no livro, embora esteja fortemente presente no ideário popular, é uma versão que diverge da real história de sua criação e acaba invisibilizando o trabalho de Lena Martins, criadora das bonecas Abayomi e, portanto, a quem de fato se deve a autoria desse símbolo cultural.

Assim, para conversar com as crianças a respeito da origem da Abayomi no sentido de corroborar com a história da forma que ela é, cabe pontuar que há centenas de anos as pessoas eram escravizadas e tratadas de modo diferente devido a sua origem e à cor de pele. E quando os portugueses chegaram no nosso país, africanos foram trazidos para o Brasil em porões de grandes navios, cuja viagem era muito demorada, cansativa e com condições muito difíceis como fome, sede, desconforto e que, na maior parte das vezes, mães e filhos eram separados, especialmente se fossem muito pequenos, porque não eram rentáveis, porque elas não tinham “valor” nenhum. Por este motivo as bonecas não foram confeccionadas nos navios negreiros.

Para a materialização da interpretação como forma de construção de sentidos, não há restrições para as atividades e as possibilidades de registro são diversificadas. No que diz respeito a turmas de 1º ano, algumas propostas que podem ser utilizadas para conduzir esse momento são:

- Elaboração de desenhos relacionados à narrativa para que sejam apresentados aos colegas, justificando a escolha pelos trechos representados.
- Reescrita da história utilizando outro gênero textual, como histórias em quadrinhos, por exemplo. Contudo, para isso é importante que as crianças já tenham tido contato com o gênero a ser solicitado.
- Organização de uma lista sobre as próximas histórias que Lara, Paula e Sérgio poderiam contar no próximo encontro. O registro pode ser coletivo ou individual conforme a preferência do(a) docente.

- Encenação da história ou trechos dela com as crianças, com organização prévia e coletiva das cenas e falas.
- Apresentação de dados e imagens sobre a autora e o ilustrador, explorando o gênero textual biografia.
- Como o livro fala sobre Lara e seus amigos, contando cada um uma história, pode ser construída uma história coletiva da própria turma, inclusive sendo transformada em livro.
- Elaboração de situações problemas que envolvam as personagens de *As bonecas negras de Lara* (FERREIRA, 2017) e as bonecas que aparecem na história.
- Organização de um varal com o autorretrato das crianças ou de bonecas e bonecos desenhados e coloridos por elas, como a professora de Paula fez. Nesse momento, é interessante trabalhar com um espelho em sala de aula. Além disso, cabe destacar os tons de pele e as possibilidades de gizes de cera ou lápis de cor que podem ser utilizados, desconstruindo o imaginário dos riscantes de cor salmão. A exemplo, há os gizes da marca Pintkor e os lápis de cor da marca Faber-Castell, mas nada impede que similares sejam utilizados.
- A discussão em torno do chamado lápis “cor de pele” pode ser ampliada a partir do vídeo Caras & Cores, disponível no *YouTube* e que segue abaixo para acesso pelo QR-Code ou ao clicar na imagem.



Fonte: Faber-Castell

- Promover um dia de brinquedos, em que cada criança possa levar o seu, e propor que elas falem das histórias de seus próprios brinquedos. Para ampliação da proposta, podem ser realizadas atividades como situações-problema; construção e análise de gráficos dos brinquedos das crianças, atividades de registro escrito etc.
- Discussão sobre o significado da palavra ancestrais/ ancestralidade e apresentação de proposta de produção de árvores genealógicas ou álbum de fotografias para que as crianças reconheçam as relações de parentesco e elenquem as características físicas herdadas dos familiares.
- Falar sobre conceito de família, as diferentes construções familiares e propor uma roda de conversa para que as crianças falem sobre como sua família é constituída. A partir disso podem ser apresentados outros textos literários como *O grande e maravilhoso livro das famílias*, de Ros Asquith e Mary Hoffman (2011); *O livro da família*, de Todd Parr (2003); e [outros](#).



Veja as demais possibilidades acessando o [hiperlink](#) ou o QR-Code ao lado.
 "É tudo família: 5 livros para falar de diversidade familiar"
 Portal Lunetas

- Resgate da conexão com a ancestralidade propondo que as crianças pesquisem histórias em suas próprias famílias no sentido de resgatar memórias sobre brincadeiras que faziam e brinquedos com os quais brincavam. Essa proposta pode ser ampliada ao promover um momento de contação de histórias com familiares das crianças na própria escola.
- Apresentação do vídeo da campanha “Cadê nossa boneca?”, e leitura da notícia que a acompanha, cuja proposta reivindica para que haja mais bonecas negras nas lojas de brinquedos, levantando os seguintes questionamentos: Por que as bonecas negras são mais difíceis de serem encontradas se comparadas às brancas? Como as crianças afro-brasileiras se sentiriam se tivessem/encontrasse com facilidade bonecas que as representassem? Você gostaria de ter uma boneca ou um boneco que se parecesse com você? Como se sentiria? Para acessar o vídeo e a notícia, clique na imagem que segue. Você também pode acessá-los pelo QR-Code.



Imagem: Reprodução



Fonte: *Catraca Livre*

- Trabalhar a música *Black Black* e fazer um *link* com a história para a valorização da identidade racial negra (clique abaixo para assistir).



Imagem: Reprodução



Fonte: *YouTube – Contação da Rua*

- Apresentação de [reportagens](#) e vídeos com o depoimento de Lena Martins sobre a criação das bonecas Abayomi, sobre sua descendência, que ensina como fazer a boneca. A escolha dos vídeos sugeridos considera a importância de as crianças terem contato com a verdadeira história da origem da boneca. Para acessar os vídeos, clique nas imagens que seguem. Ressalta-se que os indicados ficam de acordo com a preferência docente para utilização ou não.



Imagem: Reprodução



Fonte: YouTube – Lena Martins



Imagem: Reprodução



Fonte: YouTube – Programa Piá Oficial



Imagem: Reprodução



Fonte: YouTube – Quintal da Cultura



Imagem: Reprodução

Para fazer sua Abayomi você vai precisar...

Fonte: YouTube – Psicossol

- Pesquisa sobre o significado e origem do nome ABAYOMI, que pode ser realizada coletivamente em aula ou solicitado que as crianças pesquisem em casa. A partir dessa atividade, pode ser proposto a elas que pesquisem com seus familiares o significado de seus próprios nomes, quem escolheu e o motivo da escolha.
- Exploração de jogo da memória interativo de bonecas Abayomi presente no [Wordwall](#), com análise das vestimentas e adornos, os quais podem ser explorados com as crianças por meio da apresentação de imagens (selecionadas previamente) num *Datashow* ou por meio de pesquisa na *internet*, caso se dispunha em sala de um *notebook* com conexão à rede. Essa proposta pode ser ampliada com um desfile de turbantes, uma vez que esse é um dos adornos que aparecem nas imagens do jogo da memória.



Acesse o jogo interativo pelo *hiperlink* ou pelo QR-Code ao lado.

- Apresentar o Mapa Mundi e mostrar o continente Africano, que é citado no texto, e explorar a cultura do povo iorubá (um dos maiores grupos étnicos da Nigéria), de onde se origina o nome ABAYOMI.
- Escrita da lista de materiais necessários para a confecção de bonecas Abayomi.
- Organização de uma oficina para produção de bonecas Abayomi com solicitação prévia dos materiais listados, necessários para sua confecção.

- Confecção coletiva de uma boneca ou um boneco mascote da turma como representação de uma criança africana, que participe durante o ano todo da rotina escolar e que possa visitar, a cada semana, a casa das crianças da turma. Para isso é importante um trabalho coletivo em que sejam discutidos o tom de pele que terá, tipo de cabelo etc. Ela ou ele pode ser confeccionada(o) com meia calça na tonalidade da cor de pele escolhida, enchimento e lã para a confecção do cabelo. Para a escolha do nome, é relevante pesquisar sobre [nomes africanos](#) e seus significados. A proposta pode ser ampliada com pesquisa sobre o país africano de onde origina e criação de um álbum em que sejam feitos os registros desde sua idealização até a última casa por onde passou, relatando como foi a vivência com a boneca ou o boneco em seus lares.



Veja a lista de alguns nomes africanos e seus significados acessando o *hiperlink* ou o QR-Code ao lado.

- Que tal fazer um “amigo secreto” de bonecas Abayomi entre as crianças, considerando que um de seus significados possíveis é “meu presente”, em iorubá? A partir da pesquisa sobre nomes africanos e seus significados, cada uma delas pode também receber um nome antes ou após presentear a/o colega.

As sugestões apresentadas são apenas um pontapé inicial com o objetivo de contribuir para a utilização da literatura afro-brasileira na sala de aula. Por isso, devem ser ampliadas e adaptadas com base no contexto de atuação e o público leitor.

Outra questão importante a se pontuar é sobre o momento de avaliação, que deve considerar as experiências vivenciadas no decorrer da realização das propostas por meio da observação, da participação e da interação das crianças durante as explicações e atividades realizadas, bem como alcance dos objetivos propostos.

Ao longo delas é possível fazer ajustes que contemplem as necessidades das crianças, como o já mencionado. O objetivo maior é que a temática que ganhe mais espaço nas rodas de leitura, nas conversas, nas propostas interdisciplinares, para uma leitura mais ampla do mundo, um a construção de um olhar antirracista e de cuidado e respeito com o outro.

MINHAS ANOTAÇÕES...

O QUE CONSEGUIREI COLOCAR EM PRÁTICA?

- _____
- _____
- _____
- _____
- _____

O QUE PRECISAREI ADAPTAR?

NOVAS IDEIAS QUE SURGIRAM...

- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____

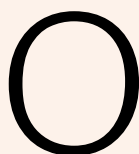
OUTRAS ANOTAÇÕES:



O PEQUENO PRÍNCIPE PRETO PARA PEQUENOS – 2º E 3º ANOS

Rodrigo França, 2020

SOBRE A OBRA...



Pequeno Príncipe Preto para Pequenos é de autoria de Rodrigo França (2020), que além de articulador cultural, ator, diretor, dramaturgo e artista plástico, é também militante pelos direitos civis, sociais e políticos da população negra. Com ilustrações de Juliana Barbosa, faz uma releitura do título *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry.

O livro apresenta pontos em comum com o clássico mundialmente conhecido, como o fato de o menino viver num pequeno planeta apenas com uma árvore, a relação que estabelece com uma raposa e a ressignificação de valores, principalmente quando se fala em cativar o outro.

Contudo, a história gira em torno de um príncipezinho negro que enaltece a beleza dos próprios traços e de sua ancestralidade. A obra destaca que as diferenças fazem de nós seres plurais e, ao mesmo tempo, únicos, além da importância da valorização de si e de suas raízes.

O menino é preto feito a noite, da cor da terra molhada, cor de chocolate, cor de café, cujas afirmações identitárias e o orgulho de ser que é são evidenciadas a todo momento em seu discurso. Ao longo da narrativa ele diz que ama sua cor, seu cabelo, seu nariz e seu sorriso.

O Pequeno Príncipe Preto vive em seu minúsculo planeta com uma Baobá, uma árvore milenar e sagrada em diversas culturas do povo africano, e com a qual adquire toda a sabedoria sobre sua história, sobre sua cultura, suas tradições, além do respeito aos seus ancestrais. Sendo sua única companheira, foi com ela que ele aprendeu a amar.

A Baobá faz o elo entre a ancestralidade africana, a natureza e a cultura. Deste modo, o narrador conta que, assim como antes daquela Baobá existiram muitas outras, antes do Pequeno Príncipe Preto vieram seus pais, avós, bisavós, tataravós.

Enquanto no clássico *O Pequeno Príncipe* a árvore é uma erva daninha que ele deve matar para que não destrua seu planeta, na obra em questão o príncipezinho viaja com a ventania por diferentes planetas espalhando suas sementes, que ele batiza de Ubuntu, com o objetivo de mantê-la viva por meio da ancestralidade, da empatia, da coletividade, da relação de respeito e afetividade. A narrativa apresenta também os orixás Iansã e Xangô, ao contar sobre a chuva que caía, os raios e trovões que o menino ouvia.

Um dos lugares pelos quais o Pequeno Príncipe Preto passa é o planeta do Rei sozinho, que é egoísta e não dá ouvidos ao menino, mas se alegra com a semente que plantada.

Depois, ele chega ao planeta Terra, onde se depara com uma calorosa raposa que lhe fala sobre afeto, mas também com crianças que se ofendem mutuamente. Nesse momento é apresentada a palavra UBUNTU, que é dita pelo príncipezinho para que as coisas se acalmem.

Ubuntu é uma filosofia africana cujo significado se refere a relação humanística com os outros, como a generosidade, solidariedade, cooperação, respeito, acolhimento, compaixão e harmonia entre os seres humanos, buscando o bem-estar de todos à volta.

Para os africanos, é a capacidade de compreender, aceitar e tratar bem o outro, numa ideia que se assemelha à expressão “amor ao próximo”. Por isso, nos mecanismos de pesquisa, é possível encontrar como definição “*Eu sou porque nós somos*”.

É no planeta Terra que o Pequeno Príncipe Preto planta sua última semente antes de voltar para casa para encontrar sua árvore Baobá, deixando o lugar tranquilo e contente.

A narrativa termina trazendo um questionamento para o leitor sobre onde sua semente irá brotar para que a Baobá cresça bonita e ele saiba o que é amar.

O Pequeno Príncipe Preto é uma obra que rompe com os estereótipos de príncipes europeus por meio da troca de protagonismo de um menino branco para um negro, que exalta a ancestralidade por meio da simbologia da árvore Baobá para a comunidade negra, que fala da relação com o outro e propõe a valorização da cultura negra.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES...

1. Motivando o leitor para “entrar” no texto

Como na obra selecionada a presença de um príncipezinho que foge aos estereótipos eurocêntricos é marcadamente relevante, podem ser utilizadas estratégias que levem as crianças a refletirem sobre a existência ou não de príncipes e princesas negros e negras nas histórias infantis, a partir de uma discussão coletiva, realizada numa roda de conversa.

Inicialmente, pode ser colocado a elas que, comumente, as histórias em que aparecem princesas e príncipes como protagonistas estão no gosto desse público leitor. Em seguida, podem ser distribuídas folhas de A4 e riscantes para que desenhem, conforme sua imaginação, uma princesa e um príncipe.

Após isso, é oportuno perguntá-las sobre os aspectos que os seus desenhos têm em comum, fazendo mediações enquanto elas forem falando. Experiências anteriores vivenciadas em sala de aula com crianças dessa faixa etária, permitem supor que boa parte das ilustrações apresentem as características fenotípicas das princesas e príncipes dos contos clássicos.

Mas, caso isso não aconteça, pode-se estabelecer uma relação entre as representações feitas por elas e àquelas que são frequentemente apresentadas neste tipo de literatura, chamando atenção para suas características, tais como cor de pele, tipo e cor de cabelo.

Outra possibilidade para este primeiro momento é ler o título do livro e não mostrar a capa às crianças para que elas desenhem como imaginam ser o príncipe da história e suas características, inclusive organizando uma lista de adjetivos que podem ser atribuídos a eles.

A capa pode ser mostrada estabelecendo um comparativo com a capa do clássico *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry, indagando sobre as semelhanças e diferenças percebidas não apenas no que diz respeito a cor de pele e fenótipos, mas chamar a atenção também para a própria configuração da coroa apresentada no livro de Rodrigo França, que difere da que está incutida no imaginário infantil.

Após ouvir a fala das crianças, a proposta que segue é apresentar o vídeo em que Marcelo Serralva declama *O Pequeno Príncipe Preto*, além de disponibilizar o texto impresso para discussão posterior. Para acessar o vídeo, clique na imagem que segue.



Fonte: YouTube - Malamalenga

É importante que algumas perguntas sejam feitas no sentido de levá-las a pensar nas características do príncipe que é apresentado no poema. A partir do trecho “Mas é claro que alguém estranhou/ Pois nas histórias que ouvimos/ Os príncipes têm outra cor/ Não a cor deste menino”, podem ser levantadas questões como: Por que será que no poema ele diz isso? Geralmente, qual é a cor da pele dos príncipes das histórias que ouvimos? E dos cavalos?

Neste momento, se houver à disposição em sala de aula um *notebook* conectado à *internet*, podem ser pesquisadas algumas imagens desses príncipes, como os do conto da Branca de Neve, da Rapunzel, da Bela Adormecida, da Cinderela etc. Caso não haja, podem ser apresentadas imagens impressas ou por meio de um *datashow*, ou ainda se utilizando dos próprios livros em que eles fazem parte. Além disso, podem ser apresentadas fotos de príncipes pretos para que as crianças também analisem.

Já a partir do trecho seguinte “Ao que o príncipe respondeu:/ Do lugar de onde venho/ Os príncipes são todos pretos/Os reis, as rainhas, todo o reino”, podem ser pensadas coletivamente algumas hipóteses sobre o lugar de onde esse príncipe vem.

Por fim, pode ser explorado o verso “Uma cor que traduza a gente!” ao perguntar às crianças a mensagem que ele passa, além de mostrar dados do [IBGE](#) sobre a cor ou raça da população brasileira que corroboram com a afirmativa nele apresentada. A partir das discussões realizadas, é o momento de fazer um paralelo com a história a ser contada, explicando que nela conhecerão um príncipe preto.



Veja os dados do IBGE sobre cor ou raça da população brasileira acessando o *hiperlink* ou o QR-Code ao lado.

2. Apresentação do autor e da obra a ser lida

Para a apresentação do livro *O Pequeno Príncipe Preto para Pequenos*, pode ser perguntado às crianças sobre o que acham que fala o livro. Após isso, pode ser pontuado a elas que irão conhecer a história de um príncipezinho preto que vive num planeta minúsculo, acompanhado apenas de um baobá, mas que sempre cultivou o sonho de viajar e conhecer outros planetas. Além disso, que há um livro cuja história apresenta alguns aspectos em comum – *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry.

Cabe ressaltar que a releitura feita por Rodrigo França também ocupou os palcos de teatros em todo país antes de ter se tornado livro e que possui duas versões: *O Pequeno Príncipe Preto*, voltado para crianças maiores por apresentar bastante texto, e *O Pequeno Príncipe Preto para Pequenos*, que apresenta uma história rimada e com mais ilustrações por ser voltado às crianças menores.

O livro deve ser apresentado de forma breve com todas as suas informações: quem são o autor e a ilustradora, cujas informações aparecem ao final do livro, a editora e as características da capa. Além disso, alguns direcionamentos como, por exemplo, falar da obra e da sua importância naquele momento, podem ser encaminhados.

Feito isso, é relevante chamar atenção para a ilustração da capa, perguntando sobre as características fenotípicas do príncipezinho, se já leram a história antes e que não se trata de uma homenagem ao clássico, conforme aponta o autor Rodrigo França. Ela pretende resgatar a ancestralidade do povo africano, a potência da cultura negra, a valorização das características fenotípicas do ser negro, bem como abordar questões como afeto, respeito e autoestima.

3. O contato efetivo com a obra

Na etapa da leitura, a proposta é a de que o contato efetivo das crianças com a obra seja feito em roda para uma melhor apreciação das ilustrações e para garantir um maior envolvimento. Ao longo da contação cabe serem feitas pausas para a apresentação das figuras após a leitura de cada página, de modo que elas possam observar os detalhes das imagens e do projeto gráfico.

É indicado que, durante a contação da história, as características fenotípicas do Pequeno Príncipe Preto evidenciadas na obra, como a cor da pele, cabelo, traços faciais etc., sejam valorizadas e comentadas com as crianças. Deve-se buscar estabelecer reflexões sobre texto e imagem.

Nesse momento é comum que comentários sejam tecidos em relação à história, os quais podem ser naturalmente conduzidos possibilitando uma troca rica para que, posteriormente, sejam feitas discussões e explorações sobre o que foi lido.

Também, podem ser levantadas questões sobre a árvore baobá, estabelecendo uma relação sobre o modo como é apresentada no clássico de Antoine de Saint-Exupéry, sobre Iansã e Xangô, bem como sobre a filosofia UBUNTU. Cabe destacar os tons dos lápis apresentados em uma das páginas, desconstruindo o imaginário dos riscantes de cor salmão para o que se chama de “cor de pele”.

4. A reflexão e a construção de sentidos do texto

Para esse momento podem ser discutidas coletivamente, por meio de uma conversa ainda em roda e de forma organizada, algumas provocações referentes ao livro, no sentido de impulsionar uma reflexão crítica sobre os personagens que são referência na literatura.

Devem ser oportunizadas a exposição de ideias, opiniões, impressões e sensações sobre a obra lida, bem como exploradas questões, por exemplo, de comparação entre o príncipezinho apresentado na história e àqueles que são apresentados nos contos clássicos, e sobre a importância da representatividade uma vez que a população brasileira é plural e diversa. Neste sentido, cabe orientar as crianças para que compreendam que a essência do nosso povo é a diversidade, a pluralidade.

É interessante indagar se já conheceram antes alguma obra com um príncipe preto e/ou o que elas acharam sobre conhecer um livro que fala sobre um príncipe preto, além do que mais gostaram na história e a mensagem que ela passa. Também podem ser levantadas algumas problematizações sobre o fato de o autor ter optado por utilizar o termo preto e não negro para o título do livro e por que a árvore baobá de *O Pequeno Príncipe* é vista como praga se em culturas africanas é um elemento da natureza de extrema simbologia para comunidade negra.

Assim, para conversar com as crianças a respeito do baobá que aparece na história, complementando o que é nela apresentado, pode ser colocado que é uma árvore vista pelos povos africanos como sagrada, bem como a sua relação com a ancestralidade, com o respeito, com as aprendizagens, com as relações com o outro e o afeto. Convém chamar a atenção para que, embora baobá seja um substantivo masculino, na obra ela é apresentada como A BAOBÁ, explicando esse contraponto por meio de inferências.

Sobre isso, Rodrigo França explica que fez questão de deixar as referências à árvore milenar no feminino por ter se inspirado em sua avó e no que ela representa para ele. Deste modo, salienta que coloca o baobá como uma árvore ancestral, sendo dela que o Pequeno Príncipe Preto adquire seus conhecimentos sobre sua história, sua cultura, suas tradições e o respeito às pessoas mais velhas. Outro aspecto a ser destacado como justificativa dessa escolha é que a cultura africana, principalmente a pré-colonizada, é matriarcal, ao contrário da cultura ocidental que coloca o homem como o centro.

Também é importante ressaltar sobre a realeza de uma criança para determinadas culturas africanas, como por exemplo, para a cultura iorubá. Além disso, que o povo negro descende não de escravos, mas de reis, rainhas, príncipes, princesas e, sobretudo, de seres humanos que foram escravizados.

Mais um ponto ser discutido entre as crianças é o Ubuntu, filosofia africana que significa “eu sou porque nós somos” e lembra que não estamos sozinhos no mundo, cujo conhecimento é adquirido pelo príncipezinho na sua relação com a Baobá, uma vez que ela passa toda a sabedoria milenar para o menino. Assim, ele espalha as sementes da Baobá, que ele batiza de Ubuntu, por outros planetas, com o objetivo de mantê-la viva por meio da ancestralidade e de desenvolver uma relação de coletividade e união para o cultivo de um mundo melhor.

Para a materialização da interpretação como forma de construção de sentidos, não há restrições para as atividades e as possibilidades de registro são diversificadas. No que diz respeito a turmas de 2º ano e 3º anos, algumas propostas que podem ser utilizadas para conduzir esse momento são:

- Relembrando a história com jogo interativo no [Wordwall](#).



Acesse a diversos jogos interativos sobre a história pelo *hiperlink* ou pelo QR-Code ao lado.

- Confeção de bloco de notas com as palavras do texto que as crianças destacarem.
- Ouvindo o autor: preto ou negro? Apresentação do vídeo em que França explica sua opção por utilizar um termo e não outro. Pode-se alinhar a discussão com os dados do [IBGE](#) sobre cor e raça da população brasileira. Para acessá-lo, clique na imagem abaixo.



Imagem: Reprodução

Fonte: YouTube - Grupo Ediouro Publicações

- Para retomar a questão dos tons dos lápis apresentados na história e sobre a concepção sobre o lápis “cor de pele”, o vídeo “Que corpo é esse? – Lápis cor da pele” pode ser passado para as crianças e explorado a partir de discussões e numa proposta de atividade. Para acessá-lo, basta clicar na imagem que segue.



Imagem: Reprodução

Fonte: YouTube – Childhood Brasil

- Resgate da discussão sobre o lugar de onde o Pequeno Príncipe Preto vem, iniciada anteriormente com a leitura do poema de Marcelo Serralva, e ampliação da discussão por meio da pergunta: “Vocês já viram fotos de príncipes e princesas, reis e rainhas africanos?”. Deve-se fazer uma pesquisa no *Google* de imagens da realeza africana para que as crianças possam observar as vestimentas e adornos utilizados, bem como as cores vibrantes. Além disso, é importante desconstruir o imaginário que ainda se tem do Continente Africano, em que é associado apenas à miséria, desnutrição e desigualdades.
- Apresentação de [imagens](#) e reportagens que evidenciem que o Continente Africano se destaca na moda, nas belezas naturais, nas tradições culturais, na culinária e em outros assuntos pouco ou nada apresentados na educação formal brasileira.



Acesse as imagens e reportagens sobre o Continente Africano pelo *hiperlink* ou pelo QR-Code ao lado.

- Pode ser realizado um trabalho mais aprofundado com rimas, estrofes e versos a partir do poema de Marcelo Serralva e construído um vídeo com as próprias crianças declamando o texto.
- Que tal representar a realeza africana por meio de bonecos de tecido? Podem ser construídos um príncipe e uma princesa ou um rei e uma rainha para serem mascotes da turma. A partir disso, as crianças podem criar uma história sobre eles. Elas também podem ser levadas a refletir sobre a probabilidade ou não de que esses bonecos sejam encontrados em lojas, além do padrão hegemônico branco que é comumente encontrado.
- Conversa sobre as características marcantes do baobá e demais nomes que recebe a depender da região, salientando que é uma árvore originária do continente africano e faz parte da fauna de países como Madagascar, Austrália e Senegal. Neste momento pode ser comentado sobre o filme *Madagascar* e, além disso, realizada uma Sessão Pipoca.
- Contação de lendas do baobá e representação por meio de ilustrações e/ou pinturas. Pode ser utilizado o livro *A semente que veio da África*, de Heloísa Pires Lima,

Georges Gneka e Mário Lemos. A proposta do livro é ajudar a conhecer essa árvore por meio de lendas, histórias, informações, fotos e jogos.

- Reconto com as próprias palavras de algumas lendas, para que se familiarizem com a transmissão oral, tão presente nas culturas africanas.
- Leitura de texto informativo sobre baobás e ampliação com atividades de interpretação. Neste momento deve ser destacada a questão do artigo “o” que acompanha o substantivo, enquanto na história é acompanhado do artigo “a”. Também pode ser utilizado o livro *A semente que veio da África* (LIMA, 2005). Além disso, há a possibilidade de se estabelecer um diálogo com o livro *Obax*, de André Neves.
- Organização de um mural com curiosidades sobre baobás, pesquisadas pelas crianças, e valores que podem ser transmitidos por meio da ancestralidade.
- Promover o cuidado com a natureza através da apresentação de sementes, explicação sobre os cuidados com as plantas e a importância do clima no seu desenvolvimento.
- Produção textual a partir da pergunta: “*Se você fosse dono(a) de um planeta, como ele seria?*”. As crianças podem criar seus textos respondendo a pergunta no que diz respeito ao relacionamento entre as pessoas, sobre o que gostariam de semear de bom no mundo, as sementes que desejam deixar para o futuro, além de fazerem a ilustração. Outras propostas podem ser pensadas a partir de: 1) do trecho em que a Raposa diz ao Pequeno Príncipe Preto que a palavra AFETO vem de afetar o outro e, portanto, “Como é possível afetar o outro positivamente?” e 2) da continuidade sobre o que poderia ter acontecido após o retorno do Pequeno Príncipe Preto ao seu planeta, já que é nesse momento que se encerra a narrativa.
- A partir da proposta sobre “afetar o outro” e de toda a narrativa apresentada no livro, pode-se ampliar a discussão com um vídeo ou texto explicativo sobre “Sawabona Shikoba”, um bonito costume praticado por um povo no sul da África que busca valorizar o outro, procurar ver seus pontos fortes e qualidades.
- Identificação no Mapa Mundo do Continente Africano e dos países apresentados no livro *A semente que veio da África*. Dependendo do repertório das crianças, elas podem achar que África é um único país, quando na verdade é um continente composto por 54 países. Portanto, vale ressaltar a grandeza e o número de países que existem nesse continente. Isso pode ser feito com a utilização do vídeo do grupo

musical Palavra Cantada e distribuição da letra para discussões de aprofundamento. Clique na imagem abaixo para assistir.



Fonte: YouTube – Palavra Cantada

- Proposição de um debate com o objetivo de apresentar o continente Africano e explicar que, assim como os continentes Americano, Europeu, Asiático e a Oceania, África possui diferentes países (54 ao todo), dos quais alguns deles são apresentados na música.
- Ampliação da atividade do mapa do mundo utilizando o mapa político do continente Africano. A sugestão é que seja utilizado um [mapa interativo](#). As crianças podem identificar nele os países mencionados na música *África* e descobrir algumas informações sobre eles, como população, fauna, flora etc. Também vale entregar uma cópia impressa para cada criança de modo que registrem os países localizados. Esse mapa interativo pode ser utilizado tanto no laboratório de informática, quanto na própria sala de aula com auxílio de um computador com rede de *internet*.



Acesse as imagens e reportagens sobre o Continente Africano pelo *hiperlink* ou pelo QR-Code ao lado.

- Proposição de que, divididas em grupos, as crianças possam realizar pesquisas sobre os países citados na música, buscando informações a respeito do dialeto, culinária, costumes, como se vestem, condições de vida, o que têm em comum com os brasileiros. É importante falar um pouco sobre a cultura africana, geralmente vista de

forma preconceituosa em nossa sociedade, bem como a contribuição do povo africano para nós.

- Exploração de algumas músicas e instrumentos musicais, de modo que as crianças fossem incentivadas a aprender cantar uma música em determinado dialeto e construir instrumentos com sucatas para se apresentarem numa bandinha da turma. Segue um exemplo de cantiga, cuja história é narrada no livro *Olelé*, de Fábio Simões, que também resgata a ancestralidade e respeito à sabedoria dos mais velhos. Para acessá-las, basta clicar na imagem abaixo.



Fonte: YouTube – Didier Jeunesse

- Visitação a museus e locais de países do Continente Africano por meio do [Google Arts & Culture](#) e do [Google Maps/Street View](#).



Acesse os recursos do Google pelos *hiperlinks* ou pelos QR-Code ao lado.



- Exploração dos diversos jogos já prontos presentes do *Wordwall* que apresentem informações sobre o Continente Africano. Também há a possibilidade de que novas atividades interativas sejam criadas a partir dos recursos disponibilizados, como por exemplo um jogo da memória com as imagens presentes no livro.
- Organização de oficinas de culinária, desfiles de penteados e turbantes e/ou proposição de um dia de príncipe e princesa.

- Discussão sobre a presença de baobás no Brasil, inclusive no Rio de Janeiro, e porque apresenta diferenças em relação aos do Continente Africano. Destaca-se aqui a questão geográfica, de clima e relevo, que vão interferir em sua estrutura. É interessante mostrar imagens de baobás dos diversos lugares para que as crianças observem. Pode ser marcada, inclusive, uma aula passeio para que as crianças vejam o baobá do Passeio Público ou de Paquetá. Caso seja desejo do(a) docente, a contação da história ou seu reconto pode ser feito lá.
- Pode ser destacado o cuidado com as plantas, como plantar, as diferenças entre elas, bem como de suas sementes, além de retomar a questão sobre as diferenças climáticas que interferem no seu desenvolvimento.
- Discussão sobre o significado da palavra ancestrais/ ancestralidade e apresentação de proposta de produção de árvores genealógicas ou álbum de fotografias para que as crianças reconheçam as relações de parentesco e elenquem as características físicas herdadas dos familiares.
- Resgate da conexão com a ancestralidade propondo que as crianças pesquisem histórias em suas próprias famílias.
- Pode ser estabelecida uma comparação entre a explicação da chuva, dos raios e dos trovões apresentadas no livro *O pequeno Príncipe Preto para pequenos*, parte da cultura africana, com as explicações dos povos originários.
- Aprofundamento da filosofia Africana UBUNTU a partir da exploração de imagens, [textos](#) e vídeo, como o sugerido.



Uma sugestão de texto pode ser acessada pelo *hiperlink* ou pelo QR-Code ao lado.



Imagem: Reprodução

Fonte: YouTube – Palavra Cantada

- Por que não reproduzir uma imagem em que as crianças mostrem o que é UBUNTU, a partir da inspiração abaixo?



Imagem: Reprodução

As sugestões apresentadas são apenas um pontapé inicial com o objetivo de contribuir para a utilização da literatura afro-brasileira na sala de aula. Por isso, devem ser ampliadas e adaptadas tendo em vista o contexto de atuação e o público leitor.

Outra questão importante a se pontuar é sobre o momento de avaliação, que deve considerar as experiências vivenciadas no decorrer da realização das propostas por meio da

observação, da participação e da interação das crianças durante as explicações e atividades realizadas, bem como alcance dos objetivos propostos.

Ao longo delas é possível fazer ajustes que contemplem as necessidades das crianças, como o já mencionado. O objetivo maior é que a temática que ganhe mais espaço nas rodas de leitura, nas conversas, nas propostas interdisciplinares, para uma leitura mais ampla do mundo, um a construção de um olhar antirracista e de cuidado e respeito com o outro.

MINHAS ANOTAÇÕES...

O QUE CONSEGUIREI COLOCAR EM PRÁTICA?

- _____
- _____
- _____
- _____
- _____

O QUE PRECISAREI ADAPTAR?

NOVAS IDEIAS QUE SURGIRAM...

- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____

OUTRAS ANOTAÇÕES:



O MUNDO NO BLACK POWER DE TAYÓ – 4º E 5º ANOS

Kiusam Oliveira, 2013

SOBRE A OBRA...

Premiado pelo Programa de Ação Cultural do Estado de São Paulo (ProAC) antes mesmo de sua publicação, *O mundo no black power de Tayó* foi escrito por Kiusam de Oliveira (2013), que é Doutora em Educação, mestre em Psicologia e especialista em temáticas étnico-raciais. Com ilustrações de Taisa Borges, o livro conta a história de Tayó, uma menina negra de seis anos, com sua beleza, características fenotípicas e alegria exaltadas ao longo de todo o texto.

Cheia de autoestima, a menina tem orgulho de seu cabelo, que é valorizado ao longo da história, e se sente poderosa quando ele está cheio. Seu penteado favorito é o *Black Power*, que dá título e vida à obra.

Por gostar de coisas diferentes e amar tanto os bichos, a natureza, os alimentos, as pessoas e os planetas, ela planeja seus penteados sempre com enfeites especiais, coloridos e divertidos, cujos desejos são realizados por sua mãe que se disponibiliza a fazê-los com muito empenho. Devido à variedade de enfeites que Tayó escolhe, seu cabelo torna-se tão imenso quanto a sua imaginação.

Mas assim como muitas crianças negras, Tayó também é vítima de racismo, preconceito e discriminação em sua escola. Contudo, não dá ouvidos aos insultos dos colegas porque sabe que seu penteado resgata toda a memória de sua ancestralidade, todos os sons e cores alegres das tradições africanas que negros e negras conseguiram preservar, carregando a alma potente de seus antepassados.

Com uma alegria contagiante e com a certeza de que traz um universo de histórias sobre a cabeça, sendo seus cabelos a sua coroa de princesa, se alguém lhe faz críticas, busca apoio no amor da mãe e em sua ancestralidade, encontrando no seu *Black Power* todas as suas raízes africanas. Isso a faz enfrentar os comentários racistas dos colegas de classe quando lhe dizem que ele é “ruim”.

A cultura africana, as características fenotípicas e psicológicas de Tayó são exaltadas ao longo de toda a obra tanto pelo texto escrito quando pelas ilustrações diversificadas que

chamam atenção pelas cores, traços e formas, evidenciando a construção de sua identidade mediante a aceitação de seu cabelo, de seu fenótipo e de sua ancestralidade africana.

Trata-se, neste sentido, de um livro que deve ser apreciado também visualmente na medida em que as ilustrações dão vida ao que é apresentado pelo narrador.

Para além simplesmente apresentar a história de uma menina negra se limitando apenas à cor da pele ou o tipo de cabelo, normalmente tomados como traços identitários da pertença racial negra no Brasil, *O mundo no black power de Tayó* permite ampliar o repertório e o imaginário cultural infantil ao apresentar outros traços de ancestralidade constituídos no decorrer da narrativa. É uma obra que rompe com paradigmas e deixa de lado os estereótipos de princesas europeias e submissas para colocar em cena protagonistas que têm como características a autoestima e o empoderamento.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES...

1. Motivando o leitor para “entrar” no texto

Como na obra selecionada o aspecto central da discussão é o cabelo negro para a ressignificação da identidade negra para as crianças, em que a protagonista representa no seu cabelo e em seus penteados Black Power todo o seu pertencimento étnico, aspectos culturais africanos e afro-brasileiros, mostrando o orgulho de ser negra, podem ser utilizadas estratégias que levem as crianças a refletirem e desconstruírem a ideia que cabelo crespo é ruim, feio e mal cheiroso, difundido pela ideologia do branqueamento.

Inicialmente, podem ser feitas as seguintes indagações às crianças: “O que é um cabelo bonito para você?”, “Se você pudesse escolher seu tipo de cabelo, como gostaria que ele fosse?”. Após ouvir as respostas, caso haja disponível um *notebook* ou *Datashow* conectado à *internet*, pode ser feita uma pesquisa no *Google* de imagens a partir do termo chave “cabelos bonitos”, o qual apresenta majoritariamente imagens de cabelos lisos, longos e de tonalidade loira à castanho médio. O diálogo coletivo sobre as respostas dadas pelas crianças com a problematização sobre as imagens encontradas permitirá caminhos para repensar o conceito de beleza, bem como refletir sobre o conceito de diversidade.

Em seguida, pode ser apresentado o vídeo “Menina Preteenha/Prazer eu sou Mc Soffia!”, disponível na imagem abaixo (clique para acessar), cujo conteúdo é uma entrevista com Mc Soffia que, assim como Tayó, personagem do livro que será lido, é empoderada e adora seu cabelo Black Power. Além disso, adentra na questão do preconceito, do racismo, da cultura black e afro, e dos padrões de beleza, o que são pontos importantes para também se abordar.



Imagem: Reprodução



Fonte: YouTube – Regina Volpato

Após a apresentação do vídeo, é interessante dialogar com as crianças sobre questões relativas ao racismo, preconceito, discriminação, explorando também o que elas já conhecem sobre raça e etnia. Também é oportuno explicar que, embora vivamos num país no qual estão presentes muitas culturas e tradições, uma parcela da população, a negra, é julgada negativamente pela cor de sua pele, por sua aparência, pelo tipo de cabelo, pela religião, desde muito tempo, cuja história sobre o processo de escravização pode ser aprofundada e explorada mais adiante, a partir da narrativa que será contada.

Outra opção de atividade é pedir para que as crianças pesquisem em casa imagens de personalidades ou pessoas comuns que apresentem as mesmas características fenotípicas de Mc Soffia, inclusive o cabelo, como o mostrado no vídeo, além de algumas informações sobre elas, que podem ser pessoas famosas, personagens históricas ou mesmo algum familiar para que contem brevemente sua história na aula seguinte, explicando o motivo das escolhas.

Esse momento de apresentação e compartilhamento de informações a respeito das pessoas pesquisadas deve ser feito de forma dialogada de modo que seja ampliado o repertório de histórias com protagonismo negro. Além disso, pode ser questionada a facilidade ou dificuldade em encontrar histórias de pessoas negras.

A partir das discussões realizadas, é o momento de fazer um paralelo com a história a ser contada, explicando que o livro é um convite para refletir sobre as raízes culturais, sobre nossa identidade e nossa relação afetiva com nossa própria história.

Caso seja desejo do(a) docente, pode-se também apresentar outras obras que retratam a mesma temática, no sentido de despertar o interesse da turma para a leitura de outras obras e pela própria temática.

2. Apresentação do autor e da obra a ser lida

Para a apresentação de *O mundo no black power de Tayó*, no momento de exploração do título e da capa, pode ser perguntado às crianças sobre o que acham que fala a história, o que pensam sobre cabelo estilo *Black Power* e fazer referência ao movimento político que recebe o mesmo nome, apresentando a elas as informações que vem no próprio livro.

Após isso, pode ser pontuado que irão conhecer uma menina que, assim como as pessoas apresentadas na roda de conversa e como Mc Soffia, também é negra e que ama sua cor e seu cabelo. Ademais, vale chamar atenção para o nome Tayó, que não é muito comum no Brasil. Deste modo, ainda no momento de observação da capa, pode-se perguntar às crianças se Tayó é um nome masculino ou feminino, pedir para que tentem adivinhar o significado e origem desse nome e da própria Tayó, e se elas conhecem a história e significado de seu próprio nome.

Explicar às crianças que Tayó é um nome africano que pode ser utilizado para nomear tanto meninas quanto meninos e que significa “da alegria”, representando o que a personagem da história é: uma menina muito alegre e feliz. Cabe, neste momento, falar sobre a importância do nome para cada um, de chamar as pessoas pelo nome e não por apelidos que podem ser preconceituosos e pejorativos, uma vez que são carregados de significados.

O livro deve ser apresentado de forma breve com todas as suas informações: quem são a autora e a ilustradora, cujas informações aparecem ao final do livro, ressaltando o que propõem ambas ao elaborar a narrativa e as ilustrações. Deve-se também chamar atenção para a editora e a quarta capa. Além disso, alguns direcionamentos como, por exemplo, falar da obra e da sua importância naquele momento, podem ser encaminhados. Feito isso, é relevante chamar atenção para a ilustração da capa, perguntando sobre as características fenotípicas de Tayó.

Ressalta-se que a obra ganhou o Prêmio ProAC de Cultura Negra em 2012, antes mesmo de ser publicado, o que aconteceu somente em 2013. Ela tem como objetivos resgatar a ancestralidade do povo africano, a potência da cultura negra, a valorização das

características fenotípicas do ser negro, bem como abordar questões como afeto, respeito, autoestima e empoderamento, usando o cabelo como aspecto central para a questão. A partir disso, busca desconstruir a imagem comumente estereotipada em torno da identidade negra.

3. O contato efetivo com a obra

Na etapa da leitura, a proposta é a de que o contato efetivo das crianças com a obra seja feito em roda, ainda que se trate de turmas de crianças maiores, para uma melhor apreciação das ilustrações e para garantir um maior envolvimento. Ao longo da contação cabe serem feitas pausas para a apresentação das figuras após a leitura de cada página, de modo que elas possam observar os detalhes das imagens e do projeto gráfico, que apresenta também palavras em destaque. Deve-se buscar estabelecer reflexões sobre texto e imagem.

A leitura deve ser feita de modo interativo, de modo que as crianças tenham papel ativo, que possam manifestar suas experiências e seus conhecimentos de mundo. É indicado que, durante a contação da história, as características fenotípicas de Tayó evidenciadas na obra, como a cor da pele, cabelo, traços faciais etc., sejam valorizadas e comentadas com as crianças. O mesmo pode ser proposto a elas, solicitando que exaltem suas características comparando a joias e coisas belas.

Nesse momento é comum que comentários sejam tecidos em relação a história, os quais podem ser naturalmente conduzidos possibilitando uma troca rica para que, posteriormente, sejam feitas discussões e explorações sobre o que foi lido.

Ao longo da narrativa existem termos que podem ser desconhecidos das crianças. Por isso, caso prefira, pode ser utilizado o glossário que é apresentado nas últimas páginas do livro para acompanhamento da leitura. Pode-se, inclusive, imprimir e distribuir aos alunos para ajudar no entendimento do texto.

4. A reflexão e a construção de sentidos do texto

Para esse momento podem ser discutidas coletivamente, por meio de uma conversa ainda em roda e de forma organizada, algumas provocações referentes ao livro, no sentido de impulsionar uma reflexão crítica sobre os estereótipos relacionados ao cabelo crespo, sobre o

empoderamento de meninas e mulheres negras no sentido de repensar o conceito de beleza, a lidar com os preconceitos e a combatê-los.

Devem ser oportunizadas a exposição de ideias, opiniões, impressões e sensações sobre a obra lida, bem como exploradas questões, por exemplo, de comparação entre Tayó e muitas meninas que vivenciam a mesma situação de racismo e preconceito que ela, mas que por outro lado, não possuem o mesmo sentimento de autoafirmação. No caso de Tayó, ao assumir o seu cabelo *Black Power*, carrega um mundo marcado pelas “almas potentes dos seus antepassados” africanos, de que sente muito orgulho. É esse sentimento que a faz superar os preconceitos com os quais se depara.

É interessante neste momento estabelecer um paralelo entre a narrativa e a [história de vida](#) da própria autora, Kiusam de Oliveira, que em sua vivência enquanto menina negra também foi vítima de racismo em ambiente escolar, uma de suas motivações para a escrita de obras que apresentem personagens negros de maneira positiva com valorização de sua identidade racial.



A história de vida de Kiusam de Oliveira, contada pela própria autora em um *podcast* pode ser acessada pelo *hiperlink* ou pelo QR-Code ao lado.

Ao longo da narrativa nos deparamos com alguns pontos que podem ser elencados para a realização de um trabalho em sala de aula, como a diversidade, o empoderamento, o Movimento Black Power, a ancestralidade, história do Brasil, o processo de escravização de mão de obra ao qual os negros foram submetidos, a resistência dos povos escravizados e divindades da mitologia africana (orixás).

Para a materialização da interpretação como forma de construção de sentidos, não há restrições para as atividades e as possibilidades de registro são diversificadas. No que diz respeito a turmas de 4º e 5º anos, algumas propostas que podem ser utilizadas para conduzir esse momento são:

- Nas primeiras páginas, a autora fala das características físicas de Tayó (sua cor de pele, seus olhos, seu nariz, seus cabelos), mostrando a beleza delas. Mais adiante ressalta que o cabelo é a parte do corpo que ela mais gosta. Assim, ainda em roda, pode ser

perguntado às crianças qual a parte do corpo que mais gostam e o que mudariam caso fosse possível. Além disso, podem ser feitas perguntas sobre quem cuidava de seus cabelos quando eram menores, fazendo referência à página 22 do livro, sobre a relação das crianças com quem delas cuidam e suas maneiras de trocar carinhos, num diálogo com a página 35.

- Proposição de brincadeira em que as crianças se reconheçam apenas pelo toque no cabelo umas das outras e olhos vendados.
- Elaboração de um mural apenas com foto dos cabelos das crianças.
- Contaçãõ de sua própria história sob a perspectiva de seus cabelos. Pode ser feita produção escrita e apresentação oral.
- Atividade de observação dos colegas e criação de versos para exaltar a beleza uns dos outros. Exemplo: Dandara tem olhos marrons como terra fértil...
- Discussão sobre o significado da palavra ancestrais/ancestralidade e proposta de investigação sobre o significado e a história de seu próprio nome e de sua própria história familiar. É interessante fazer com que as crianças reflitam sobre características herdadas dos familiares.
- Pesquisa sobre elementos da identidade e da cultura afro-brasileira como danças, religião (orixás), culinária, animais do continente africano, florestas africanas e pessoas que assumem o cabelo crespo.
- Promoção de pesquisa e discussão mais aprofundada sobre a história do cabelo *Black* para além da que é apresentada no glossário do livro.
- Apresentação do vídeo da música *Cabelo crespo*, de Aka Rasta, que pode ser acessado ao clicar na imagem que segue. É interessante distribuir a letra impressa às crianças e explorá-la por meio de uma discussão que desperte a criticidade. A partir da música é possível estabelecer um diálogo entre *O mundo no black power de Tayó* e os livros *Com qual penteado eu vou?*, também de Kiusam de Oliveira, e *Meu crespo é de rainha*, de bell hooks.



Fonte: YouTube – Aka Rasta

- Apresentação da animação. Você pode acessá-la ao clicar na imagem abaixo ou pelo QR-Code.



Fonte: YouTube – Sony Pictures Animation

- Organização de oficina para confecção de enfeites de cabelo. Ao final as crianças podem presentear umas às outras.
- Oficina de pintura com sombra, como na capa do livro, que pode ser feita por meio de estamparia em camisa previamente solicitada, sem a necessidade de que seja nova. Para essa proposta será necessária tinta de tecido e pincel batedor.
- Organização de oficina e desfile de penteados e turbantes. Para essa proposta, caso seja possível, é interessante convidar uma/um profissional que trabalha

especificamente com cabelo afro para falar sobre as diferentes estruturas capilares, cuidados, produtos para o cabelo crespo e suas composições, tipos de pentes e de penteados que podem ser feitos.

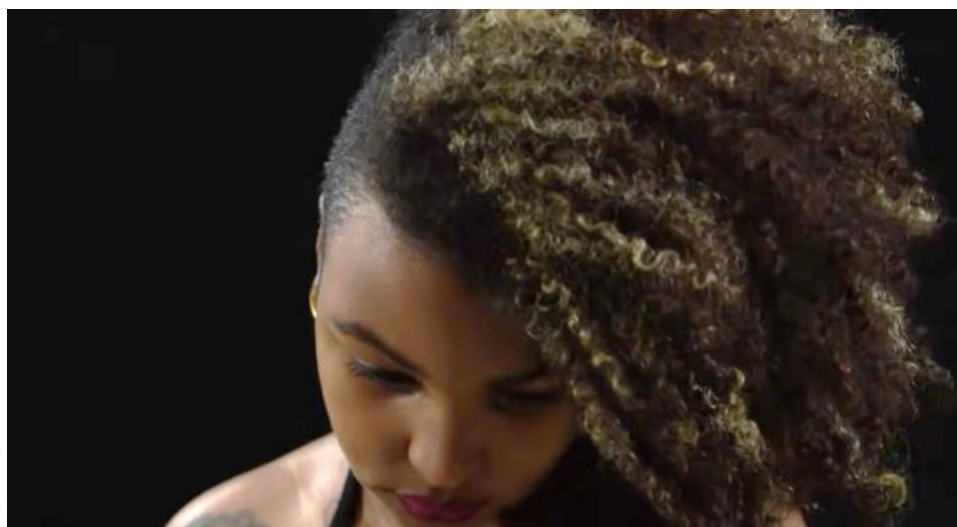
- Momento “Quer aprender um pouco mais sobre os cuidados com cabelos crespos?”
Indicação [deste canal no YouTube](#) para começar.



Você pode acessar o canal do *YouTube* indicado pelo *hiperlink* ou pelo QR-Code ao lado.

- Debate a respeito da diversidade e promoção de discussões a partir de reportagens sobre casos de discriminação e racismo.
- Outra possibilidade de videoclipe a ser trabalhado é o da música “Respeite a minha pele”, de Marvyn, que fala sobre o respeito à pele preta, ao orgulho negro, ao cabelo crespo e aspectos relacionados à escravização e ao racismo. Clique na imagem para acessá-lo.

Imagem: Reprodução



Fonte: *YouTube – Marvyn Oficial*

- Abordagem sobre a história do Brasil, a colonização, sobre o que eram os navios negreiros e de onde eles vinham. Para essa proposta pode ser utilizado um Mapa Mundo ou Globo Terrestre e serem apresentadas imagens de navios negreiros, retomando a página 28 do livro. Também pode ser solicitado que as crianças

pesquisem (em duplas ou em grupos) mais sobre a história do Brasil e do povo brasileiro, além de curiosidades sobre esse período, que pode ser realizada em casa e compartilhada com a turma numa roda de conversa.

- Aula-passeio à Comunidade Quilombola Astrogilda Caminho do Cafundá, para que as crianças conheçam a visão dessa comunidade originária em relação ao trabalho, a auto gestão comunitária, a relação com a natureza e a educação, além da luta pela identidade, preservação da memória, respeito ao patrimônio material e imaterial, a relação sustentável de agricultura e meio ambiente, a religiosidade, a cultura e a ancestralidade. Antes, cabe fazer uma visita ao [site](#) e explorá-lo.



Acesse o *site* pelo *hiperlink* ou pelo QR-Code ao lado.

- Apresentação de novas histórias de Tayó em versão em quadrinhos, também de autoria de Kiusam de Oliveira. Você pode acessá-las clicando na imagem abaixo ou pelo QR-Code. Além dessas, muitas outras podem ser encontradas no livro *Tayó em quadrinhos*, que foi publicado em 2021 pela Companhia das Letrinhas.



Imagem: Reprodução

Fonte: Site – Kiusam de Oliveira

- Ao utilizar as tirinhas sobre Tayó, cabe chamar atenção para quem é a ilustradora, Amora Moreira (carioca e Sampleadora visual), promovendo debates sobre ela e pesquisando informações sobre o trabalho que realiza. É importante aqui trabalhar o significado de samplear. Além disso, a atividade pode ser ampliada propondo às crianças que criem um sampler visual. Conheça um pouco sobre Amora Moreira acessando seu portfólio clicando na imagem abaixo ou pelo QR-Code.



Imagem: Reprodução

Fonte: Portfólio – Amora Moreira

- Por meio das tirinhas, outras abordagens podem ser feitas no sentido de ampliar a discussão com as crianças no que diz respeito à identidade racial negra. A partir da tirinha N° 01, por exemplo, podem ser evidenciadas e discutidas grandes personalidades negras femininas como Zacimba Gaba, Acotirene, Dandara e outras, por meio da pesquisa em grupo da biografia dessas personalidades, apresentação aos colegas e confecção de mural para exposição. Por meio da tirinha N° 02 podem ser abordadas questões sobre o pré-conceito de que bailarinas clássicas são brancas, fruto do racismo estrutural que criou raízes nas entranhas da sociedade. O aprofundamento sobre a discussão pode ser feito a partir da utilização de uma reportagem publicada pelo Portal Geledés, intitulada [As bailarinas negras e o ballet clássico](#).



Acesse a reportagem publicada pelo Portal Geledés pelo *hiperlink* ou pelo QR-Code ao lado.

- A reportagem acima indicada pode ser utilizada em diálogo com um trecho extraído da pesquisa de Cechin e Silva (2014, p. 169), que tem como título *Uma bailarina pode ser negra? Crianças, bonecas e diferenças étnicas*. Clique na imagem abaixo para acessar o material indicado.

Três meninas, chamadas aqui de E., J. e N., brincam com bonecas Barbie e uma bolsa cheia de roupinhas. J. segura três *Barbies* na mão, uma negra vestida de bailarina, uma negra vestida com calça e blusa e uma loira vestida com biquíni. J. pergunta para N.: J: – Qual delas tu achas mais bonita? N: – Esta aqui. (Apontando para a Barbie negra vestida de bailarina). J: – Mas esta aqui tem o cabelo loiro e está de biquíni. N: – Eu gostei mais dessa! Ela está com roupa de bailarina. J: – Ela é negra. Nunca vi bailarina negra! E: – Vamos tirar a roupa de bailarina dela e colocar nesta aqui. (Mostrando a Barbie praia). J: – Assim fica melhor!

(Cechin; Silva, 2014, p. 619).



- Apresentação da história da bailarina clássica brasileira Ingrid Silva, que se tornou conhecida mundialmente ao pintar as sapatilhas com a cor da sua pele (negra) e hoje tem um livro publicado em que conta sobre como, nascida no subúrbio carioca, assumiu um dos maiores postos do balé mundial, cujo título é *A sapatilha que mudou meu mundo* (2021).
- Ampliação das discussões apresentadas nas demais tirinhas: N° 03, N° 04, N° 05 e N° 06, que trazem questões acerca das concepções de gênero, identidade negra, racismo e preconceito.
- Retomada do trecho do livro em que Tayó se considera uma princesa e fala da descendência de uma realeza, apontando às crianças que o povo negro descende não

de escravos, mas de reis, rainhas, príncipes, princesas e, sobretudo, de seres humanos que foram escravizados.

- Um questionamento pode ser levantado às crianças a partir desse trecho do livro é se existem/conhecem princesas negras. Uma alternativa para encaminhar essa discussão é com a leitura da [reportagem](#) sobre o episódio de racismo ocorrido com a menina Ana Luísa, que escreve carta para contar que chorou após uma mulher dizer que “não existe princesa preta”. Ela possui linguagem acessível às crianças e oportuniza que novas reflexões sejam feitas sobre aspectos relacionados aos estereótipos atribuídos às princesas. Ainda que surjam os nomes de *Jasmine*, *Pocahontas*, *Mulan* e *Tiana*, é importante destacar que princesas negras existem para além dos contos de fadas da *Disney*.



Você pode acessar a reportagem para leitura por meio do *hiperlink* ou pelo QR-Code ao lado.

- Desconstrução dos estereótipos eurocêntricos de princesas por meio da apresentação de imagens e uma breve biografia de princesas reais que são negras/rainhas africanas, com uso de recursos como *PowerPoint* ou fotografias impressas. Posteriormente as crianças podem escolher uma das princesas que foram apresentadas para que escrevam sobre elas, recontando sua história e falando um pouco sobre suas características. Alguns exemplos que podem ser utilizados são: *Akosua Busia*, princesa da Família Real de Wenchi (Gana); *Sikhanyiso Dlamini*, princesa da Suazilândia; e *Keisha Omilana*, princesa da Nigéria, apresentadas, respectivamente, na imagem que segue. Para maiores informações sobre cada uma e ampliação da imagem, basta clicar em cima dela ou acessar o QR-Code.



Imagem: Reprodução

Fonte: Revista Claudia Abril

- Outra possibilidade que pode ser agregada à discussão e talvez esteja na memória das crianças por ter sido amplamente noticiada é Meghan Markle, que já foi algumas vezes chamada como “princesa negra” em decorrência de seu casamento com o então príncipe Harry, embora ambos tenham abdicado aos cargos do alto escalão da realeza logo após a união.
- Exploração do Continente Africano com o Mapa Mundo ou Globo Terrestre para localização coletiva dos territórios de onde as princesas das ilustrações apresentadas originam.
- Jogo de quebra-cabeça com o mapa do continente africano para que seja montado em grupo ou jogo de bingo com palavras-chave presentes na história *O mundo no black power de Tayó*.
- Apresentação do *teaser* da música “Minha Rapunzel de Dread” (clique na imagem para assistir), de MC Soffia, e leitura de seu [depoimento](#) sobre os contos de fadas para a turma levantando questionamentos como: Como a personagem Rapunzel costuma ser descrita fisicamente? Por que o *dread* foi escolhido para caracterizar a Rapunzel do *rap*? E por que MC Soffia diz que vai criar uma história nova, diferente?



Imagem: Reprodução



Fonte: YouTube – Soffia



Você pode acessar o depoimento de Mc Soffia por meio do *hiperlink* ou pelo QR-Code ao lado.

- Criação, por meio de desenhos, de uma princesa ou príncipe que se pareça com elas, cuja proposta pode ser ampliada a partir de uma produção textual de um conto em que conste o nome dessa princesa ou príncipe, idade, lugar onde mora, principais características, desafios que enfrentaria e desfecho da história.
- Indagação “E se as princesas dos contos clássicos da *Disney* fossem realezas negras?”. A ideia é que sejam apresentadas uma série de fotos que foram produzidas inspiradas em princesas da Disney, por fotógrafos que decidiram reinventar o conceito e pensar nelas todas como jovens negras e reais. É interessante que suas características sejam discutidas coletivamente a partir de alguns questionamentos: Vocês já haviam imaginado essas princesas dessa forma? Que característica mais chamou atenção? Ao clicar na imagem, você poderá ter acesso às fotos ampliadas.



- Produção de um texto crítico acerca de algumas das temáticas desenvolvidas a partir de *O mundo no black power de Tayó*.
- Trabalho com corpo e movimento, remetendo a circularidade do cabelo Black Power à circularidade das danças como jongo, ciranda e próprio samba de roda.

As sugestões apresentadas são apenas um pontapé inicial com o objetivo de contribuir para a utilização da literatura afro-brasileira na sala de aula. Por isso, devem ser ampliadas e adaptadas considerando o contexto de atuação e o público leitor.

Outra questão importante a se pontuar é sobre o momento de avaliação, que deve considerar as experiências vivenciadas no decorrer da realização das propostas por meio da observação, da participação e da interação das crianças durante as explicações e atividades realizadas, bem como alcance dos objetivos propostos.

Ao longo delas é possível fazer ajustes que contemplem as necessidades das crianças, como o já mencionado. O objetivo maior é que a temática que ganhe mais espaço nas rodas de leitura, nas conversas, nas propostas interdisciplinares, para uma leitura mais ampla do mundo, um a construção de um olhar antirracista e de cuidado e respeito com o outro.

MINHAS ANOTAÇÕES...

O QUE CONSEGUIREI COLOCAR EM PRÁTICA?

- _____
- _____
- _____
- _____
- _____

O QUE PRECISAREI ADAPTAR?

NOVAS IDEIAS QUE SURGIRAM...

- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____

OUTRAS ANOTAÇÕES:

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito embora a legislação acerca da educação para as relações étnico-raciais esteja em vigor há quase duas décadas e a temática tenha tido um maior destaque nos últimos anos, ainda é possível perceber fragilidades quanto à aplicabilidade de ações que efetivem a inclusão dos conteúdos da história e cultura africana e afro-brasileiras nos estabelecimentos de ensino ao longo de todo o ano letivo.

Por muito tempo, por exemplo, as culturas africanas e afro-brasileiras estiveram (e muitas vezes ainda estão) cerceadas ao componente curricular, se limitando ao trabalho em datas comemorativas. No decorrer da pesquisa que resultou neste material foi possível constatar que isso se deve, em grande medida, às lacunas na formação inicial e continuada dos docentes.

Assim, uma vez que a valorização da estética negra e a representatividade são fundamentais para a construção da identidade racial de crianças negras, este material buscou, por meio do protagonismo negro nos livros de literatura infantil, contribuir com essa perspectiva apresentando sugestões de atividades para serem desenvolvidas em sala de aula.

Todavia, quando se fala de ensino e educação, não há manuais prontos. Educar não é uma receita de bolo. Por isso, seu objetivo é despertar para as possibilidades, as quais podem e devem ser adaptadas e ressignificadas conforme cada contexto de trabalho. Convém destacar que esse não deve ser um trabalho paralelo ao currículo escolar, mas que o contemple nos mais diversos aspectos e áreas de ensino. Deve-se, portanto, afrorreferenciá-lo.

É por meio da prática, do chão da sala de aula, que vamos fazendo e refazendo, aprendendo e reaprendendo, construindo e reconstruindo, pensando e repensando, discutindo e rediscutindo nossas práticas pedagógicas na troca com nossos pares. E isso é fundamental!

É uma forma rica de construção de aprendizagens e de verificação de possibilidades outras para enriquecer nosso fazer docente.

Espera-se, portanto, que este material colabore e estimule profissionais do âmbito educacional com propostas que estabeleçam o diálogo entre os componentes curriculares e a história e cultura africana e afro-brasileira de forma integrada, numa aprendizagem intercultural significativa e de afirmação. Ele foi construído com muito carinho e possui, em sua essência, as diversas contribuições feitas por cada um dos docentes que participou do curso oferecido, resultantes dos diálogos estabelecidos ao longo dos encontros.

Foram apresentadas aqui diferentes abordagens pensadas para os mesmos livros, o que permite a cada uma/ cada um de nós, construir e adaptar propostas de atividades advindas de outras experiências e que deram certo. Além disso, as propostas possibilitam um leque amplo de alternativas de práticas antirracistas e permitem que os docentes façam as modificações ou acréscimos que considerarem necessários e pertinentes durante a sua aplicação cotidiana, tendo em vista o público, o contexto escolar em que atuam e os conteúdos curriculares propostos para cada ano de escolaridade de modo a contemplá-los nas atividades desenvolvidas.

Enfim, que as sugestões aqui apresentadas possam ser compartilhadas com os colegas docentes, mas especialmente com as crianças com as quais lidamos cotidianamente, inspirando-os a utilizarem cada vez mais em sala de aula atividades que valorizem a identidade racial da criança negra, capazes de permitir a elas se reconhecerem, se empoderarem e vivenciarem um ambiente igualitário.

Mais uma vez, gratidão a cada um dos docentes que estiveram nessa jornada, colaborando com suas percepções e experiências.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAYOMI-Boneca Preta Brasileira. Lena Martins: YouTube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=34Ek5GV11wQ>. Acesso em: 06 out. 2021.

ABAYOMI. Psicocol: YouTube, 2013. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=L_Uqpp4-LNM. Acesso em: 06 out. 2021.

A HISTÓRIA de Lena Martins e sua Abayomi. Programa Piá oficial: YouTube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kFHP0qDs0wg>. Acesso em: 06 out. 2021.

ALMEIDA, S. L. de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 264 p. E-book Kindle.

ARAÚJO, L. G. S.; AMARAL, A. F. do. A importância do ensino de história e cultura afro-brasileira no ensino fundamental. **Revista eletrônica acervo científico**, [s. l.], v. 2, n. e324, 13 jan. 2019. DOI <https://doi.org/10.25248/reac.e324.2019>. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/cientifico/article/view/324/189>. Acesso em: 4 fev. 2021.

AS BAILARINAS negras e o ballet clássico. **Portal Geledés**, 20 mar. 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/as-bailarinas-negras-e-o-ballet-classico/>. Acesso em: 27 nov. 2021.

BLACK black-música infantil de respeito às diferenças e diversidade - Dia da Consciência Negra. Contação da rua: YouTube, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=O9tp2lmWC-M>. Acesso em: 06 out. 2021.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, 9 jan. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 18 de fev. 2020.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno (CNE/CP). Parecer nº 3, de 10 de março de 2004. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações

Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. **Diário Oficial da União**, Brasília: CNE/CP, p.1-21, 19 mai. 2004a. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cnecp_003.pdf. Acesso em: 18 de fev. 2021.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno (CNE/CP). Resolução nº 01, de 17 de junho de 2004. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. **Diário Oficial da União**, Brasília: CNE/CP, Seção 1, p.11, 22 jun. 2004b. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>. Acesso em: 18 de fev. 2021.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro Brasileira e Africana**. Brasília: Ministério da Educação, 2004.

CABELO crespo. Aka Rasta: YouTube, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E7lvJGk1Yz4>. Acesso em: 25 nov. 2021.

CARAS & cores. Faber-Castell: YouTube, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mqfOJ87Z6wY>. Acesso em: 28 jan. 2023.

CAVALLEIRO, E. Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor. In: CAVALLEIRO, E. (org.). **Racismo e anti-racismo na educação**: repensando nossa escola. 6ª. ed. São Paulo: Selo Negro, 2001. p. 141-160.

CECHIN, M. B. C.; SILVA, T. da. Uma bailarina pode ser negra? Crianças, bonecas e diferenças étnicas. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 610-627, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v14n2/v14n2a13.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2021.

CONFIRA, com exclusividade, o teaser do novo clipe de MC Soffia: “Minha Rapunzel tem Dread”. **Catraca Livre**, 17 mar. 2016. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/criatividade/confira-com-exclusividade-o-teaser-do-novo-clipe-de-mc-soffia-minha-rapunzel-tem-dread/>. Acesso em: 30 nov. 2021.

CONHEÇA o Brasil – População. **IBGE – Educa Jovens**. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html>. Acesso em: 10 nov. 2021.

CONTINENTE africano não se resume à miséria e à pobreza, e essa thread é um lindo lembrete disso. **Hypeness**, 2020. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2020/10/continente-africano-nao-se-resume-a-miseria-e-a-pobreza-e-essa-thread-e-um-lindo-lembrete-disso/>. Acesso em: 15 nov. 2021.

COSSON, R. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

COSSON, R. **Letramento literário**: teoria e prática. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2014. 141 p. E-book Kindle.

CRIANÇA escreve carta para contar que chorou após mulher dizer que ‘não existe princesa preta’. **Portal Geledés**, 08 jan. 2020. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/crianca-escreve-carta-para-contrar-que-chorou-apos-mulher-dizer-que-nao-existe-princesa-preta/>. Acesso em: 27 nov. 2021.

DEBUS, E. **A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens**. São Paulo: Cortez, 2017.

DOMINGUES, J. E. “Ubuntu”, o que a África tem a nos ensinar. **Ensinar história**, 28 abr. 2015. Disponível em: <https://ensinarhistoria.com.br/ubuntu-o-que-a-africa-tem-a-nos-ensinar/>. Acesso em: 15 nov. 2021.

DREHMER, R. Conheça 6 princesas negras – de realezas da África e da Europa. **Claudia**, 16 jan, 2020. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/sua-vida/princesas-negras-realeza-africa-europa/>. Acesso em: 27 nov. 2021

É TUDO família: 5 livros para falar de diversidade familiar. **Portal Lunetas**, 2017. Disponível em: <https://lunetas.com.br/livros-sobre-diversidade-familiar/>. Acesso em: 12 ago. 2021.

FERREIRA, A. de J. **As bonecas negras de Lara**. Ponta Grossa: ABC Projetos, 2017.

FOTÓGRAFOS reinventam princesas tradicionais da Disney como "realeza negra". **Glamour Celebidades**, 16 jun. 2020. Disponível em: <https://glamour.globo.com/entretenimento/celebidades/noticia/2020/06/fotografos-reinventam-princesas-tradicionais-da-disney-como-realeza-negra.ghtml>. Acesso em: 30 nov. 2021.

FRANÇA, R. **O pequeno príncipe preto para pequenos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2020.

FUNGA Aláfia. Mundo aflora: YouTube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=f8pk1tDZepU>. Acesso em: 28 out. 2021.

GOMES, N. L. A questão racial na escola: desafios colocados pela implementação da Lei 10.639/03. In: CANDAU, V. M.; MOREIRA, A. F. (org.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 2ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 67-89.

GOMES, N. L. Educação, relações étnico-raciais e a Lei nº 10.639/03: breves reflexões. In: BRANDÃO, A. P. (org.). **Modos de fazer: caderno de atividades, saberes e fazeres**. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010. v. 4.

GOMES, N. L. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem Fronteiras**, [s. l.] v. 12, n. 1, p. 98-109, jan./abr. 2012. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/5298127/mod_resource/content/1/%C3%89tnico-racial%202.pdf. Acesso em: 17 mai. 2021.

GOMES, N. L. O movimento negro e a intelectualidade negra decolonizando os currículos. In. BERNARDINO-COSTA, J. et al (org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p.223-246.

HOOKS, B. **Meu crespo é de rainha**. São Paulo: Boitatá, 2018.

LIMA, H. P. A origem africana para o imaginário infantil ou juvenil: uma obra em muitas histórias. In: ALMEIDA, D. M. de; et al. (org). **Literatura e infância: travessias**. Araraquara: Letraria, 2018. p. 30-52.

LIMA, H.P. **A semente que veio da África**. São Paulo: Salamandra, 2019.

LOUREIRO, M.; TATIT, A. **Brincadeiras cantadas de cá e de lá**. São Paulo: Melhoramentos, 2014. E-book Kindle.

MALDONADO-TORRES, N. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, J. et al. (org). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 27-54.

MENINA preteenha / prazer, eu sou Mc Soffia!. Regina Volpato: YouTube, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wFrRuTLkO6s>. Acesso em: 25 nov. 2021.

MOORE, C. Prefácio. In.: OLIVEIRA, K. de. **O mar que banha a ilha de Goré**. São Paulo: Editora Peirópolis, 2014.

OLÉLÉ Moliba Makasi. Didier Jeunesse: YouTube, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wIeM4PM7aZw>. Acesso em: 16 nov. 2021.

O PEQUENO Príncipe Preto (poema Infantil) - Marcelo Serralva. Malamalenga: YouTube, 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=y7VycCY_L-Y. Acesso em: 10 nov. 2021.

OLIVEIRA, K. **Omo-obá: histórias de princesas**. Belo Horizonte: Mazza edições, 2009.

OLIVEIRA, K. **O mundo no black power de Tayó**. São Paulo: Peirópolis, 2013.

OLIVEIRA, K. Literatura negro-brasileira do encantamento infantil e as infâncias: reencantando corpos negros. **Feira Literária Brasil - África de Vitória**, Espírito Santo, v. 1 n. 3, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/flibav/article/view/29029>. Acesso em 17 out. 2022.

OLIVEIRA, K. **Com qual penteado eu vou?**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2021.

PENINA, M. Campanha 'Cadê nossa boneca?' quer mais bonecas negras nas lojas de brinquedos. **Catraca Livre**, 12 abr. 2016. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/catraquinha/campanha-cade-nossa-boneca-quer-mais-bonecas-negras-nas-lojas-de-brinquedos/>. Acesso em: 12 ago. 2021.

QUE corpo é esse? - 3ª tem. ep. 2 - Lápis cor-da-pele. Childhood: YouTube, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8UD3LZN3Wtk>. Acesso em: 28 abr. 2022.

RESPEITE a minha pele. Marvyn Oficial: YouTube, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZBWKxgQoyyo>. Acesso em: 25 nov. 2021.

RODRIGO França sobre "O Pequeno Príncipe Preto". Grupo Ediouro publicações: YouTube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N96xpikMMRU>. Acesso em: 10 nov. 2021.

RAMOS, L. D. **Descolonizando práticas pedagógicas: a narrativa de uma educadora na luta por uma educação antirracista**. Orientador: Profa. Dra. Magali Mendes de Menezes. 2021. 98 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 2021.

SANTOS, I. A. dos. A responsabilidade da escola na eliminação do preconceito racial: alguns caminhos. In: CAVALLEIRO, E. (org.). **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. 6ª. ed. São Paulo: Selo Negro, 2001. p. 97-113.

SIMÕES, F. **Olelé**: uma antiga cantiga da África. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2015.

SOFFIA part. Gram & Pedro Angeli - Minha Rapunzel de Dread [Teaser]. Soffia: YouTube, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3ut5RVtO3H4>. Acesso em: 27 nov. 2021.

TORERO, J. R; PIMENTA, M. A. **Abecê da liberdade**: a história de Luiz Gama, o menino que quebrou correntes com palavras. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2020.

UBUNTU. Quintal da cultura: YouTube, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=93sc-sqK40o>. Acesso em: 15 nov. 2021.

VOCÊ sabe o que é uma Abayomi?. Quintal da cultura: YouTube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LYGNIVfkhN4>. Acesso em: 6 out. 2021.

52 NOMES africanos femininos e masculinos para o seu bebê. **Portal Geledés**, 31 mar. 2020. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/52-nomes-africanos-femininos-e-masculinos-para-o-seu-bebe/>. Acesso em: 06 out. 2021.



Rio de Janeiro, 2023